

A Profecia dos 1260 anos

11

A VERDADE E A
SANTIFICAÇÃO
O caminho para a santidade.

18

CURAR O PLANETA
Como?

22

DEIXAR ABERTA A PORTA
DAS TRASEIRAS
Acabar com a apostasia.



1 646188 62068

PUBLICADORA SERVIR
JUNHO 2020
N. 877 | ANO 81 | €1,90

3^o Discípulo

Vem e Segue-me

"*Éis que cedo venho.*" A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **António Amorim**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL revista.adventista@pservir.pt

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO **Rita Mendes Sadio**

DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S. A.**

DIRETOR-GERAL **Artur Guimarães**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

MDI – Design e Impressão, V. N. Famalicão

TIRAGEM **1000 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

PREÇO NÚMERO AVULSO **1,90€**

ASSINATURA ANUAL **19,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO E. R. C.

DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

 **Igreja Adventista
do Sétimo Dia**

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora ServVir, S. A..

junho

D	S	T	Q	Q	S	S
31	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>	6
7	[8]	<u>9</u>	<u>10</u>	<u>11</u>	<u>12</u>	13
14	<u>15</u>	<u>16</u>	<u>17</u>	<u>18</u>	<u>19</u>	20
21	<u>22</u>	<u>23</u>	<u>24</u>	<u>25</u>	<u>26</u>	<u>27</u>
[28]	29	30	1	2	3	4

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

**6 DIA INTERNACIONAL DOS
MINISTÉRIOS DA MULHER**

7 SAL

13 ASSEMBLEIAS ESPIRITUAIS

20 DIA DOS REFUGIADOS

21 SAL

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

1-5 SEMINÁRIO TEOLÓGICO DE
SAGUNTO (SpU)

8-12 UNIVERSIDADE ADVENTISTA
DE FRIEDENSAU (EUD)

15-19 UNIÃO PORTUGUESA (PU)

22-26 ASSOCIAÇÃO DA MOLDAVIA
(RU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[8] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[28] DOMINGO

julho

D	S	T	Q	Q	S	S
28	<u>29</u>	<u>30</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	4
5	<u>6</u>	<u>7</u>	<u>8</u>	<u>9</u>	<u>10</u>	11
12	[13]	<u>14</u>	<u>15</u>	<u>16</u>	<u>17</u>	18
19	<u>20</u>	<u>21</u>	<u>22</u>	[23]	<u>24</u>	25
26	<u>27</u>	<u>28</u>	<u>29</u>	<u>30</u>	<u>31</u>	1

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

6-10 ASSOCIAÇÃO CENTRAL
RENANA (SGU)

13-17 UNIÃO DO NORTE
DA ALEMANHA (NGU)

20-24 CENTRO MULTIMÉDIA STIMME
DER HOFFNUNG (EUD)

27-31 CASA PUBLICADORA
ADVENT-VERLAG (SGU E NGU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[13] SEGUNDA-FEIRA

[23] QUINTA-FEIRA

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 10:00 E AS 10:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

04

EDITORIAL

Reabertura das igrejas

33

ESPAÇO JUVENIL

O Profeta Daniel

Conhece um dos grandes profetas da Bíblia.

36

TESTEMUNHO

Quando passares pelas águas...

Uma aventura que poderia ter acabado mal.

38

ESPÍRITO DE PROFECIA

Ellen G. White durante uma epidemia

O exemplo de Ellen G. White pode ajudar-nos em tempos de Covid-19.

40

PÁGINA DA FAMÍLIA

Sogra... um bem necessário

Aprenda a amar a sua sogra.

42

Notícias Internacionais.

43

PLANO

Plano de Reabertura Gradual das Igrejas depois da Fase 3 (texto parcial)

A preparação para o regresso às igrejas.



DESCOBRIR

05

A profecia dos 1260 anos

Uma nova perspectiva sobre uma antiga profecia.

11

A verdade e a santificação

Que papel tem a verdade bíblica na nossa santificação?



DESENVOLVER

18

Curar o Planeta

O vegetarianismo e a ecologia.



DAR

22

Deixar aberta a porta das traseiras

O Discipulado como solução para a apostasia.

29

Fé que move montanhas

Uma mulher reformada faz o improvável para plantar uma igreja.



EDITORIAL

Pr. António Amorim
Presidente da UPASD

Reabertura das igrejas

Depois de 11 semanas com as portas encerradas, a Igreja Adventista em Portugal começou a receber público a partir do dia 30 de maio. Agora, é com alegria que a Igreja volta a abrir as suas portas. A reabertura da totalidade das igrejas será gradual e progressiva. Este é o início de um processo, que queremos que nos conduza ao reencontro da normalidade do nosso funcionamento. No amor inato que a Igreja tem pelo próximo, ela continuará a sacrificar-se na sua espontaneidade e atitude de proximidade fraterna, sujeitando-se às normas de contenção social. O regresso às igrejas, mesmo com condicionamentos, é motivo de alegria, pois a Família de Deus pode voltar a reunir-se, presencialmente, na Sua Casa (Salmo 122). Sim, sentimos-nos a viver a alegria no retorno à igreja, expressada por David no Salmo 126:3: “Grandes coisas fez o SENHOR por nós, e, por isso, estamos alegres.”

A responsabilidade da Igreja perante a situação pandémica implica o peso de ter de responder perante a Sociedade, por pessoas e Comunidades de Igreja. A Igreja como um todo tem o dever de proteger os crentes, e proteger o seu nome. Estamos a viver um momento especial da história da nossa Igreja em Portugal, e no resto do mundo. Esta situação de crise pandémica é, em si mesma, controversa e cheia de contradições. Precisamos de encontrar um caminho de coerência interna, nos nossos procedimentos eclesiais e administrativos, e externa, na nossa atitude perante a Sociedade e as Autoridades. Há muita apreensão e ansiedade, tanto por parte dos membros de Igreja, como da Sociedade em geral, e não existe consenso

na análise da conjuntura presente. A forma de trazer tranquilidade não está em alimentar polémicas, mas num procedimento comum que inspire uma segurança de unidade por parte dos dirigentes e dos restantes membros das igrejas. Criar e manter esta frente comum para abordar a necessidade do momento é responsabilidade de cada Discípulo de Cristo. O “Plano de Reabertura Gradual das Igrejas” foi votado pelo Conselho Diretor da UPASD, para ser aplicado em todas as igrejas do seu território. O Conselho Diretor da UPASD tem alguma latitude para, caso as condições o permitam, alterar, acrescentar ou retirar algum elemento do Plano nessa caminhada em direção à normalidade do funcionamento das nossas igrejas.

A Igreja também é um parceiro das Autoridades do País na luta contra o controlo desta pandemia. Esta parceria está formalmente comprovada pelos contactos que a UPASD tem tido com as Autoridades. A Igreja tem esse dever de solidariedade e de apoio nesta luta de Saúde Pública. Ao mesmo tempo que as Autoridades de Saúde e Governativas reconhecem a necessidade e a validade da ação das Confissões Religiosas na Sociedade, pedem-nos uma colaboração responsável.

O contexto mundial, tanto a nível da própria Igreja Adventista, como a nível da Sociedade em geral, mostra-nos que algo de excepcional está a acontecer. Precisamos de nos perguntar em oração: “O que quer Jesus de mim, neste momento?”, “Qual é o meu dever?”. Caminhar juntos num momento crítico como este implica procurarmos aquela união que estava no centro da oração pastoral do Mestre: “para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (João 17:21). Caminhemos juntos e unidos. Falta pouco para lá chegarmos! Graças a Deus, porque o Senhor está connosco!

A PROFECIA DOS 1260 ANOS *UMA SOLUÇÃO LEGAL*

Creio que esta abordagem jurídica oferece uma base mais segura para a interpretação da profecia dos 1260 anos e, talvez, para outros períodos de tempo profético.



Nicholas P. Miller
Professor de História da Igreja

*Retirado da revista Adventist
World de janeiro de 2019.*

HOLY
BIBLE

O período profético de “um tempo, dois tempos e metade de um tempo” (Dan. 7:25) tem sido compreendido historicamente pelos Adventistas como um período de 1260 anos que ocorreu durante a Idade Média. Antes da Revolução Francesa, os pensadores cristãos expressaram uma série de pontos de vista diferentes quanto ao início e ao fim deste período. Mas, com a ascensão de Napoleão e com o exílio e o cativeiro do Papa às mãos do General francês Berthier, houve um momento raro de quase unanimidade profética entre os expositores Protestantes, que declararam que o período de 1260 anos terminara em 1798 d.C.. Depois disso, era apenas uma questão de recuar na linha do tempo para descobrir o ponto inicial do referido período, que seria 538 a.C..¹

No entanto, com a diminuição do choque e da clareza dos acontecimentos da década de 1790, alguns estudiosos deixaram de conseguir ver um acontecimento decisivo em 538 d.C. que correspondesse à clareza do exílio e da morte do Papa na prisão. Alguns concluíram que o início do período que estamos a considerar foi marcado quando o terceiro chifre de Daniel 7 foi arrancado, facto ocorrido quando Belisário, General de Justiniano, venceu os Ostrogodos em 538 d.C..

O problema era que essa “derrota” aparentava ser um pouco anticlimática, pois envolvia, por ação de Belisário, o rompimento do cerco ostrogodo a Roma. Ora, este acontecimento foi apenas uma etapa de um conflito em curso que continuou, pelo menos, durante duas décadas. Na década de 540, os Ostrogodos reconquistaram Roma e foi necessário expulsá-los outra vez. Os Ostrogodos só foram completamente vencidos em 553 d.C.. Então, o que tornaria a batalha de 538 profeticamente mais importante e decisiva do que as vitórias similares na década de 540 e do que a batalha final de 553?²

A falta de uma resposta clara fez com que alguns comentadores argumentassem que o ano 538 não tinha um significado inerente e que tinha sido escolhido simplesmente devido à sua relação conveniente com o fim decisivo identificado em 1798. Isto levou alguns estudiosos, incluindo alguns teólogos Adventistas, a deixarem de ver a profecia dos 1260 anos como tendo uma aplicação histórica literal, passando eles a compreender os 1260 anos como um número simbólico. Esta abordagem também ganhou terreno na compreensão de alguns outros períodos proféticos, como os encontrados na quinta e na sexta trombetas de Apocalipse 9.

“No século VI, o Papado estabeleceu-se solidamente. Fixou-se a sede do seu poder na cidade imperial e foi declarado que o Bispo de Roma era a cabeça de todas as Igrejas. O paganismo cedeu lugar ao Papado. O dragão dera à besta ‘o seu poder, o seu trono e a sua grande autoridade’.”





General Louis-Alexandre Berthier; Revolução Francesa; Papa Pio VI

Neste artigo, eu argumento que, em vez de considerarmos os acontecimentos militares, devemos considerar a criação ou a dissolução de estruturas legais. Creio que esta abordagem jurídica oferece uma base mais segura para a interpretação da profecia dos 1260 anos e, talvez, para outros períodos de tempo profético.

A ABORDAGEM TRADICIONAL ADVENTISTA

Os Pioneiros Adventistas adotaram a interpretação desta profecia dos 1260 anos como parte da herança historicista. A maioria dos expositores proféticos relacionou o tempo do início dos 1260 anos com vitórias militares de Roma, até que os três chifres de Daniel 7:8, 20, 24 foram finalmente arrancados pela ponta pequena. Isto é argumentado em várias obras, como, por exemplo, no livro *Daniel and the Revelation* (*Daniel e o Apocalipse*), de Uriah Smith, e no *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* sobre o livro de Daniel.

Os escritos de Ellen G. White são uma importante exceção. No livro *O Grande Conflito*, ela escreveu simplesmente: “No século VI, o Papado

estabeleceu-se solidamente. Fixou-se a sede do seu poder na cidade imperial e foi declarado que o Bispo de Roma era a cabeça de todas as Igrejas. O paganismo cedeu lugar ao Papado. O dragão dera à besta ‘o seu poder, o seu trono e a sua grande autoridade’ (Apocalipse 13:2, *BBN*). E começaram então os 1260 anos da opressão papal preditos nas profecias de Daniel e Apocalipse (Daniel 7:25; Apocalipse 13:5-7).²³ Aqui, Ellen G. White concentra-se no momento da obtenção do poder com autoridade legal por parte do Papado.

No entanto, alguns estudiosos Adventistas têm começado a pensar nos 1260 anos em termos de períodos de tempo gerais ou, até, simbólicos, não estando excessivamente preocupados com o início específico do tempo do fim. Esta mudança pende para uma posição simbolista ou idealista em relação aos períodos de tempo do Apocalipse, começando a desconectar o Apocalipse da História. Esse método é muito diferente da abordagem sobre as profecias de Daniel e de Apocalipse defendida pelos nossos Pioneiros ou apresentada no livro *O Grande Conflito*.

UM ENQUADRAMENTO LEGAL PARA OS 1260 ANOS

Um estudo cuidadoso do texto de Daniel 7:24-26 e de algumas passagens proféticas com ele relacionadas revela que os acontecimentos decisivos dos momentos finais dos 1260 anos devem ser compreendidos primordialmente como eventos legais, e não militares. Uma vez que esse quadro legal seja compreendido e seja reconhecido o seu devido peso, torna-se mais claro como o acontecimento de 538 está relacionado com o acontecimento de 1798. Em síntese, podemos dizer que o Código de Justiniano, concluído em 534, “promulgou como lei o Cristianismo ortodoxo”, colocando formalmente o Papa como cabeça da Cristandade; “ordenou que todos os grupos cristãos se submetessem à [sua] autoridade” e deu-lhe o poder civil de condenar à morte os hereges.⁴

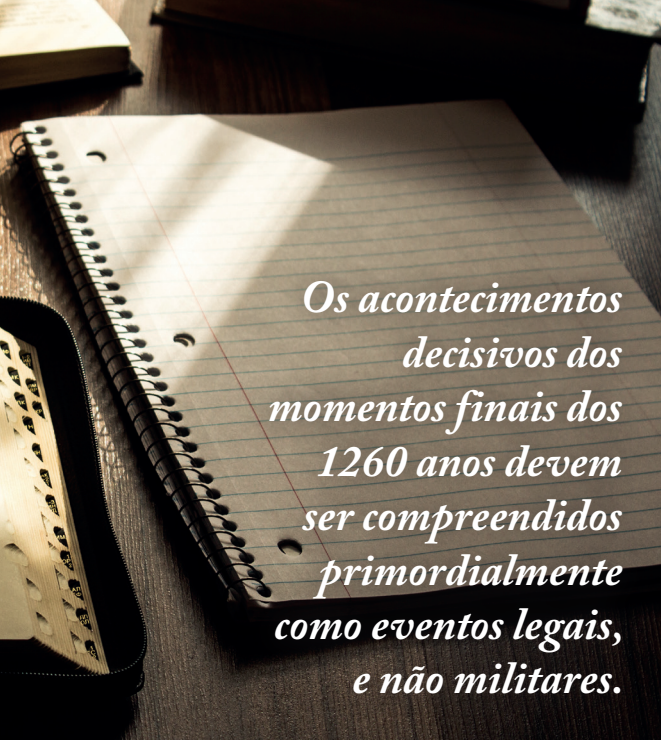
No entanto, esse Código não foi legalmente promulgado, nem sancionado, até ao fim do cerco de Roma, em 538. Belisário, o General de Justiniano, tinha entrado na cidade sem oposição no fim do ano 536, mas pouco depois – em 537 – os Ostrogodos voltaram e sitiaram Roma. Aproximadamente um ano depois, o cerco foi rompido e Belisário assumiu o controlo de Roma e dos seus arredores.⁵ Só então o Código que atribuía poderes ao Papado pôde ser realmente posto em vigor por Belisário além das fronteiras de Roma. A Guerra Gótica continuou até 553, quando, finalmente, os Ostrogodos foram expulsos de Itália.⁶

Porém, essas batalhas e esses cercos posteriores não anularam o sistema do poder papal que tinha entrado em vigor em 538. Mesmo quando Roma



caiu outra vez, sob o poder dos Ostrogodos, estes não controlaram o Papado, que, nessa época, já estava a atuar fora de Roma. Na sua tese de Doutoramento, o teólogo Jean Zukowski afirmou que “depois de 538, o Papado nunca mais foi submetido ao controlo dos reis ostrogodos”.⁷ Estabelecido como cabeça da Cristandade pelo Código de Justiniano, o sistema papal passou a ter o controlo sobre a vida e a morte dos hereges. Esse decreto permaneceu em vigor no Ocidente por mais de mil anos, recebendo um grande impulso nas revoluções legais dos séculos XI e XII, e formando a base legal de muitos Estados modernos.⁸ A sua influência estendeu-se até às revoluções dos séculos XVIII e XIX, quando o Código de Justiniano e o seu caráter religioso foram explicitamente rejeitados.

Estas revoluções seculares começaram com a Revolução Francesa, que levou à captura e ao exílio do Papa Pio VI



*Os acontecimentos
decisivos dos
momentos finais dos
1260 anos devem
ser compreendidos
primordialmente
como eventos legais,
e não militares.*

pelo General Berthier, em 1798. Mas, mais uma vez, a substituição do Código de Justiniano, de cunho religioso, pelo Código Napoleónico, de cunho secular, também foi mais importante do que o acontecimento político-militar da captura e do exílio do Papa. O Código secular foi implementado pelo famoso projeto de lei número 8, de 15 de fevereiro de 1798, no qual o General Berthier declarou Roma como sendo uma República independente, pelo que, “consequentemente, foi suprimida qualquer outra autoridade temporal, emanada do antigo governo do Papa, e este não mais exercerá qualquer função”.⁹

Creio que este foco nos factos legais, e não nos acontecimentos militares, é justificado – e até exigido – pelas passagens bíblicas ao redor do período dos 1260 anos. Embora o facto de os três chifres terem sido arrancados seja realmente importante e esteja ligado ao

surgimento da ponta pequena, o texto bíblico não enfatiza a questão militar como fator decisivo no tempo da profecia dos 1260 anos. Pelo contrário, o versículo-chave é Daniel 7:25, onde se diz que os santos “lhe serão entregues nas mãos, por um tempo, dois tempos e metade de um tempo”. O momento-chave relacionado com o período de tempo não é uma ação realizada pela ponta pequena para conquistar algo ou para se afirmar; o foco está no tempo em que foi “entregue” certa autoridade e certo domínio à ponta pequena. Esta profecia seria melhor cumprida por um ato legal de um terceiro que outorgasse autoridade ao Papado, o que foi exatamente o que fez o Código de Justiniano.

Assim, a Igreja de Roma recebeu autoridade graças a uma combinação de eventos legais, eclesiásticos e militares. Os Godos permaneciam em Roma e na Itália antes da chegada de Belisário, em 536. O Papa Silvério tinha sido escolhido pelo rei godo Teodato. Por sua vez, Justiniano escolheu a dedo o diácono romano Vigílio para ser o Papa. Em 537, Belisário enviou o Papa Silvério para o exílio, e para a morte, e colocou Vigílio no seu lugar. O Papa Vigílio foi o primeiro Papa inquestionavelmente leal a Justiniano e ao seu novo Código, que se tornou efetivo pela primeira vez em 538.¹⁰

Há um paralelo claro e simétrico no início e no fim do período dos 1260 anos, se considerarmos que ele começa com o exílio do Papa e com a sua substituição por outro Papa, escolhido a dedo pelo Imperador do Oriente, sob os auspícios de um novo Código legal (o Código de Justiniano), e *termina* com

o exílio do Papa e com a substituição do Código de matriz religiosa por um Código secular (o Código Napoleónico, um sistema secular que rejeita a ideia de um lugar especial para a Igreja).

CONCLUSÃO: UM FOCO LEGAL

A história das relações entre Igreja e Estado é extremamente útil para a compreensão da profecia. A remoção dos três chifres representa um processo histórico que decorre durante o período que vai da década de 470 até à década de 550 d.C.. Mas as instituições legais podem oferecer um limite de tempo mais preciso para se lidar com os desenvolvimentos históricos. Por esta razão, creio que a Bíblia, quando lida com períodos históricos na profecia, com frequência foca-se nos decretos legais. Visto pelo prisma legal, o acontecimento de 538 destaca-se como um verdadeiro suporte para o início do período que culmina com o evento de 1798.

Considerar um enquadramento legal para a interpretação profética não é sugerir que a visão tradicional dos acontecimentos militares e das batalhas seja irrelevante, mas a relevância desses acontecimentos é principalmente a de ajudar a implementar e a derrubar os regimes governamentais e legais. A perspectiva legal oferece uma interpretação da profecia que é mais unificada e mais historicamente fundada no mundo real. Não seria este um foco mais apropriado para um Livro e para um Deus menos preocupados com a força e com a coerção, e mais preocupados com a exposição de formas de governo baseadas nos princípios contrastantes do amor e do poder?

A perspectiva legal oferece uma interpretação da profecia que é mais unificada e mais historicamente fundada no mundo real.

¹ Ernest R. Sandeen, *The Roots of Fundamentalism* (Grand Rapids: Baker, 1978).

² Veja Will Durant, *The Age of Faith* (New York: Simon and Schuster, 1950), pp. 108–110.

³ Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Saugo: Publicadora SerVir, 2009), p. 47.

⁴ Durant, p. 112.

⁵ *Idem*, p. 109.

⁶ *Idem*, p. 111.

⁷ Jean Carlos Zukowski, “The Role and Status of the Catholic Church in the Church-State Relationship Within the Roman Empire from A.D. 306 to 814” (Tese de Doutoramento, Andrews University, 2009), p. 160.

⁸ *Idem*, p. 114.

⁹ *Constitution of the Roman Republic*, traduzida pela Edição Italiana Autêntica (1798), é uma “Declaração dos Direitos e Deveres do Homem e dos Cidadãos”, com uma série de Artigos de (1) Direitos e (2) Deveres, seguido pelo texto da Constituição Romana. (Título original: *Costituzione della Repubblica Italiana, adottata per acclamazione nei comizi nazionali in Lione, Anno I, 26 Gennaio 1802.*)

¹⁰ O primeiro ano do governo de Vigílio sob o Código de Justiniano teria sido 538. De facto, a sua soberania, em termos práticos, não teve efeitos senão após o rompimento do cerco em 538. Zukowski, p. 160.



—
António Domingues
Pastor

A VERDADE E A SANTIFICAÇÃO

“Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade” (João 17:17-19, ARA).

INTRODUÇÃO

O tema da santificação foi, é e continuará a ser, um dos temas de maior interesse para muitos Cristãos. Entendê-lo nem sempre tem sido fácil. No âmbito da doutrina da salvação, a santificação poderia ser considerada como o aspeto prático da vida cristã; para uns, como uma possibilidade muito custosa, para outros, nada custosa.

Neste artigo, vamos interessar-nos pela doutrina bíblica da santificação, tal como ela surge expressa nas palavras de Jesus e dos apóstolos. Veremos também como a santificação resulta da ação do Espírito Santo e da nossa tomada de posição quanto à aceitação da vontade de Deus para o ser humano.

NAS PALAVRAS DE JESUS

Há um momento da vida terrestre de Jesus que é muito interessante, porque se trata de uma oração Sua registada num só Evangelho – o Evangelho de João. Nesta oração, em determinado momento, Jesus diz o seguinte: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade” (João 17:17-19, *ARA*).


Nesta oração, Jesus faz um pedido ao Pai para que santifique os discípulos. Também identifica a santificação com o conhecimento da verdade, tal como ela é revelada na Bíblia, pois esta é a Sua Palavra. Atendendo a que o conhecimento da verdade é progressivo, também a santificação será progressiva.

Esta Palavra de que fala Jesus é, hoje, a Bíblia, tanto o Novo como o An-

tigo Testamentos. Ambos são indissociáveis, na medida em que se complementam um ao outro. Ambos revelam Jesus e as Suas ações no Céu e na história deste mundo criado por Ele.¹ Também revelam a Sua vontade para os seres humanos. Mais, enquanto, no Antigo Testamento, existem textos proféticos que se referem a Jesus como o Messias vindouro, no Novo Testamento revela-se como Ele viveu e mostra-se que Ele era o Messias prometido no Antigo Testamento.²

Neste texto da oração de Jesus registada em João, entre as duas utilizações do termo “santificação”, encontramos referida a missão de Jesus e a missão que Ele legou aos Seus discípulos. Isto mostra-nos que, no processo de santificação, existe lugar para o cumprimento da missão também por nós, como Seus discípulos modernos, que ouvimos a Sua Palavra. A missão parece ser uma boa ajuda para o desenvolvimento do progressivo processo da santificação, porque nos ajuda a estudarmos mais a Palavra de Deus e a orarmos mais, de modo a permanecermos em contacto com o Jesus que nos santifica.³

A santificação proveniente de Jesus pode ser vista como resultando do facto de que só Deus é santo. No texto bíblico de Josué 24:19 está escrito: “Então Josué disse ao povo: Não podereis servir ao Senhor, porquanto é Deus santo, é Deus zeloso, que não perdoará a vossa transgressão, nem os vossos pecados.”⁴ Logo, perante um Deus santo, é necessário que aqueles que O adoram sejam por Ele santificados. Assim, o Deus que Se santifica a Si mesmo requer também a santificação dos Seus discípulos. Devemos referir ainda que é o próprio Deus,



*O Deus que Se santifica a
Si mesmo requer também a
santificação dos Seus discípulos.*

em Jesus, que disse: “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim” (João 14:6).

Podemos concluir até aqui que a santificação é um dom de Deus, que é Sua vontade que todos os Seus discípulos passem por ela, mas com Ele na sua direção, sabendo que Ele é, então, “o caminho, a verdade e a vida” para eles. Poderemos ainda dizer que a santificação, nas palavras de Jesus, é o processo de aceitação incondicional, por parte dos Seus discípulos, da Sua Palavra como “Guia” para a vida.⁵ Por fim, encontramos outro aspeto importante para o desenvolvimento da santificação: o cumprimento da missão que Jesus deixou aos Seus discípulos de todos os tempos, incluindo os Seus discípulos de hoje.

Ellen G. White resume em poucas palavras tudo o que acabámos de dizer, ainda que, nos seus escritos, este assunto preencha muitas páginas. Ela escreve: “A verdadeira santificação é doutrina bíblica. O apóstolo Paulo, na Carta à igreja de Tessalónica, declara: ‘Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação’ (I Tes. 4:3). E roga: ‘E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo’ (I Tes.

5:23). A Bíblia ensina claramente o que é a santificação, e como deve ser alcançada. O Salvador orou pelos discípulos: ‘Santifica-os na verdade: A tua palavra é a verdade’ (João 17:17).”⁶

Não poderíamos nós, hoje, enquanto Seus discípulos, honrá-l’O e santificá-l’O, desejando ter a vida que Deus pretende para nós?

Pesquisemos mais sobre o assunto da santificação nas palavras do apóstolo Paulo.

NAS PALAVRAS DO APÓSTOLO PAULO

Nas Epístolas de Paulo, podemos verificar, mais uma vez, de acordo com o ensino de Jesus, que Deus deseja a santificação dos Seus discípulos. Paulo declara, na Epístola aos Tessalonicenses, o seguinte: “Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação” (I Tes. 4:3).

No tempo do apostolado de Paulo, Jesus já Se encontrava no Céu. Contudo, Ele revelou aos doze apóstolos que ficaria no Seu lugar a Terceira Pessoa da Divindade, o Espírito Santo.⁷

Paulo, o apóstolo, reconhecia na sua missão a importância da ação do Espírito Santo sobre os crentes por

quem trabalhava, o que condiz com a oração de Jesus que vimos anteriormente. Em Romanos 15:16, Paulo escreve: “Que [eu] seja ministro de Jesus Cristo para os gentios, ministrando o evangelho de Deus, para que seja agradável a oferta dos gentios, santificada pelo Espírito Santo.”

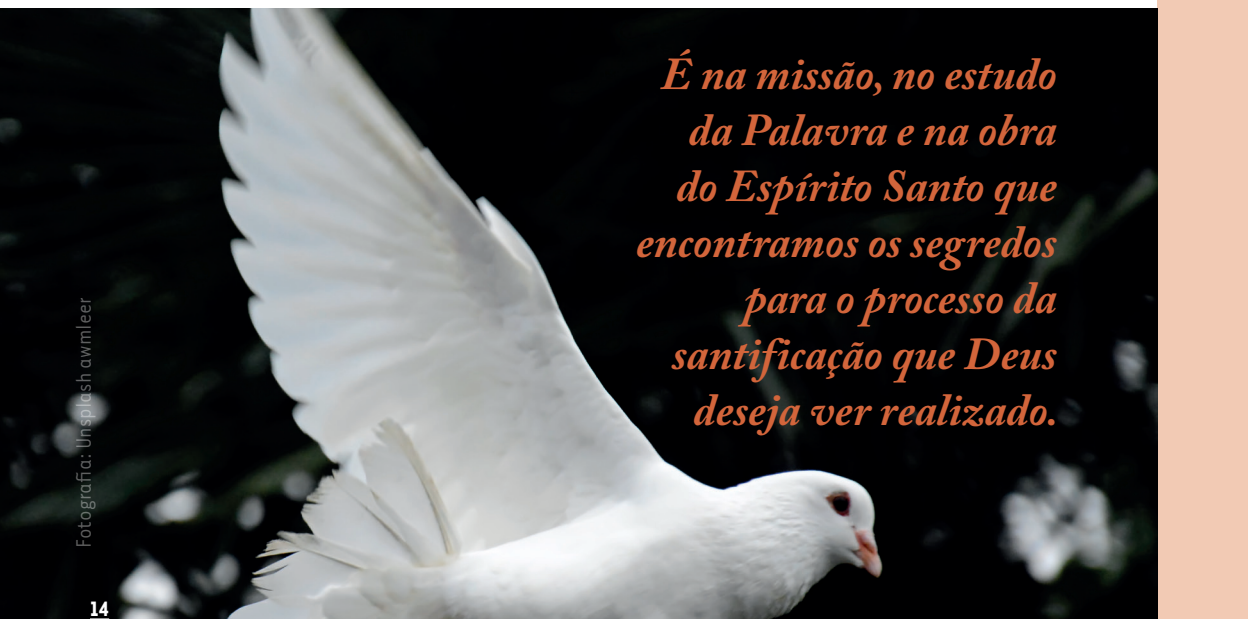
Sobre este raciocínio Ellen G. White comenta o seguinte: “E Paulo ensina que os crentes devem ser santificados pelo Espírito Santo (Romanos 15:16). Qual é a obra do Espírito Santo? Disse Jesus aos discípulos: ‘Quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade’ (João 16:13). E o Salmista declara: ‘A tua lei é a verdade’.”⁸

Nestes textos bíblicos, podemos ver que é na missão, no estudo da Palavra e na obra do Espírito Santo que encontramos os segredos para o processo da santificação que Deus deseja ver realizado. É afirmado, sem dúvida, que o processo ou a obra da santificação são um trabalho para o Espírito Santo realizar com as pessoas que se tornam discípulas de Jesus.

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO

No Seu trabalho, o Espírito Santo tem uma ação primordial no processo de santificação. Foi o que Jesus nos revelou, quando disse: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre; o Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós. [...] Disse-lhe Judas (não o Iscariotes): Senhor, de onde vem que te hás de manifestar a nós, e não ao mundo? Jesus respondeu, e disse-lhe: Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada. [...] Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito. [...] Mas é para que o mundo saiba que eu amo o Pai, e que faço como o Pai me mandou” (João 14:16 e 17, 22 e 23, 26, 31).

Ellen G. White ajuda-nos a compreendermos esta obra do Espírito Santo. Ela escreve: “Pela Palavra e pelo



É na missão, no estudo da Palavra e na obra do Espírito Santo que encontramos os segredos para o processo da santificação que Deus deseja ver realizado.

Espírito de Deus, os grandes princípios de justiça incorporados na Sua Lei são revelados aos homens. E uma vez que a Lei de Deus é santa, justa e boa, e cópia da perfeição divina, segue-se que o caráter formado pela obediência àquela Lei será santo. Cristo é um exemplo perfeito de semelhante caráter. Diz Ele: ‘Eu tenho guardado os mandamentos do meu Pai’ (João 15:10). ‘Eu faço sempre o que lhe agrada’ (João 8:29). Os seguidores de Cristo devem tornar-se semelhantes a Ele. Pela graça de Deus devem formar um caráter em harmonia com os princípios da Sua santa Lei. Isto é santificação bíblica.”⁹ E o apóstolo Paulo chega mesmo a dizer: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim” (Gálatas 2:20).

Assim, chegamos à parte final desta pesquisa, em que discutimos a ação dos discípulos de Cristo dos nossos dias.

A AÇÃO DOS DISCÍPULOS DE JESUS

A ação dos discípulos de Jesus é abordada na Epístola de Paulo aos Filipenses,¹⁰ onde ele escreve sobre os aspetos práticos da vida do Cristão. Ao comentar este tema, Ellen G. White também escreve: “Esta obra só pode ser efetuada pela fé em Cristo, pelo poder do Espírito de Deus a habitar em nós. Paulo admoesta os crentes: ‘Trabalhem pela vossa salvação com humildade e temor, pois Deus está sempre a ajudar, fazendo com que desejem e realizem o que é da sua vontade’ (Filipenses 2:12 e 13, *BBN*). O Cristão sentirá as insinuações do pecado, mas manterá uma luta cons-

“As Escrituras revelam claramente que a obra da santificação é progressiva.

Esta obra só pode ser efetuada pela fé em Cristo, pelo poder do Espírito de Deus a habitar em nós.”

– Ellen G. White.

tante contra ele. Aqui é que o auxílio de Cristo é necessário. A fraqueza humana une-se à força divina, e a fé exclama: ‘Graças a Deus, que nos deu a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo’ (I Coríntios 15:57, *BBN*).”¹¹

O apóstolo Paulo escreve: “E certo estou, meus irmãos, sim, eu mesmo, a vosso respeito, de que estais possuídos de bondade, cheios de todo o conhecimento, aptos para vos admoestardes uns aos outros” (Romanos 15:14-16, *ARA*). Tiago declara: “Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo? E, se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento quotidiano, e algum de vós lhes disser: ‘Ide em paz, aqueantai-vos, e fartai-vos’; e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí?” (Tiago 2:14-16.)


O discípulo de Cristo é estimulado pelo Espírito Santo a crescer na santificação, a progredir positivamente na santificação. Sendo esta um processo contínuo de progressão, até que o caráter do crente chegue a ser uma cópia do caráter de Jesus, os passos nela exigidos terão de ter o compromisso de Deus. Cito de uma forma particular as palavras do profeta Jeremias: “Porque eu bem sei os

pensamentos que tenho a vosso respeito, diz o Senhor; pensamentos de paz, e não de mal, para vos dar o fim que esperais. Então me invocareis, e ireis, e orareis a mim, e eu vos ouvirei. E buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes com todo o vosso coração” (Jeremias 29:11-13). Outro texto relevante, que os discípulos de Jesus sabem de memória, está no Evangelho de João: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16).

Sendo assim, poderíamos dizer que o verdadeiro Cristão, discípulo de Jesus, aceitou Cristo como seu Senhor e Deus, passou pelo arrependimento e pelo batismo, e passou, assim, a pertencer ao Seu povo. De seguida, deverá continuar ligado a Jesus ao longo da sua vida. Isto acontece porque o Consolador está ao seu lado para o ensinar e ajudar. Prosseguindo o seu caminho, o discípulo de Jesus continua a aprender pelo estudo da Sua Palavra, descobrindo mais acerca de Deus, da Sua doutrina, do estilo de vida proposto pelas

Escrituras. Estudará a Bíblia sozinho. Se possível, com a ajuda do Consolador, também estudará a Bíblia com os seus familiares e colegas. Isto fará com que desenvolva o seu conhecimento de Deus. Poderá usar estudos já feitos ou preparar os seus próprios estudos. Também orará mais, para agradecer a atenção e o cuidado de Deus manifestados através da presença e do ensino que o Consolador lhe ministra. Pedirá ajuda para o estudo pessoal da Palavra ou para o estudo da Palavra com a família, com os amigos e com os colegas. Há de considerar que o seu trabalho é um dom de Deus para se tornar num Missionário Voluntário. Assim como na Lei de Deus há momentos no tempo para descansar, também o discípulo descansará, terá férias com a família, terá um momento à parte com Jesus, gerirá a sua agenda de acordo com a orientação de Deus.

O discípulo de Jesus desenvolverá a sua fé. Esta, juntamente com a graça, é um dom de Deus. “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus” (Efésios 2:8). A graça, a fé e outros

A photograph of a person standing on the peak of a mountain. A long, narrow staircase of stone steps leads up the slope of the mountain towards the person. The background shows a vast, hazy landscape with more mountains under a clear sky. The overall tone is one of achievement and spiritual journey.

“Faço uma coisa: esqueço-me do que ficou para trás e esforço-me por atingir o que está diante de mim. Deste modo, caminho em direção à meta para obter o prémio que Deus nos prometeu dar no céu, por meio de Cristo Jesus” (Filipenses 3:13 e 14, BBN).

dons e talentos são dádivas de Deus para a salvação das pessoas.

Por fim, há de notar-se que a vida do discípulo se prenderá mais ao seu Senhor por laços que Ele nunca quebrará. Ele manterá o Seu discípulo seguro para a Sua Segunda Vinda. Jesus há de voltar e pretende ter discípulos prontos para O receber. Ele levá-los-á para morarem com Ele eternamente, para descansarem das suas fadigas, para a comunhão com o Senhor, para aprenderem com Deus, para viverem com o Criador, mesmo depois de colocados nesta Terra renovada por Ele. Que bom seria que os discípulos de Jesus quisessem fazer destes passos o hábito da sua vida!

CONCLUSÃO

Como conclusão deste artigo, gostaria, primeiro, de convidar o Leitor a ler todo o capítulo 27 do livro de Ellen G. White intitulado *O Grande Conflito*. Depois, convido o Leitor a ler o texto seguinte como um resumo desta reflexão.

“As Escrituras revelam claramente que a obra da santificação é progres-

siva. Quando, na conversão, o pecador encontra a paz com Deus através do sangue expiatório, apenas iniciou a vida cristã. Deve agora aperfeiçoar-se, crescer até à ‘medida da estatura completa de Cristo’. Diz o apóstolo Paulo: ‘Faço uma coisa: esqueço-me do que ficou para trás e esforço-me por atingir o que está diante de mim. Deste modo, caminho em direção à meta para obter o prémio que Deus nos prometeu dar no céu, por meio de Cristo Jesus’ (Filipenses 3:13 e 14, *BBN*). E Pedro apresenta-nos os passos necessários para que a santificação bíblica seja atingida: ‘Por isso, esforcem-se por juntar à vossa fé, o bom procedimento; ao bom procedimento, o conhecimento; ao conhecimento, o domínio de si próprio; a esse domínio, a paciência; à paciência, o apego a Deus; ao apego a Deus, a dedicação fraterna, e à dedicação, o amor. [...] Se fizerem assim, não voltarão a cair no mal’ (II Pedro 1:5-10, *BBN*).”¹²

Assim somos santificados pela Palavra e pelo Espírito Santo.

¹ Ver II Samuel 22:31; Deuterónimo 5:5; I Pedro 1:25.

² Ver, por exemplo, Isaías 61:1-3 (comparar com Lucas 4:18); Isaías 53:1-3 (comparar com João 12:38; Mateus 8:17).

³ O apóstolo Paulo refere esta vontade que Deus tem: “Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação” (I Tessalonicenses 4:3).

⁴ Ver ainda Salmo 99:9.

⁵ É assim diferente da “redenção”, que tem a ver mais com o processo legal de arrependimento e conversão, enquanto aceitação, por parte do redimido, de Jesus como seu Senhor

e do povo de Deus como seu povo. No livro de Rute (1:16), a protagonista expressa, muito sinteticamente, este processo de aceitação: “Disse, porém, Rute: Não me instes para que te abandone, e deixe de seguir-te; porque aonde quer que tu fores irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus.” Este último passo – “o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus” – é, sem dúvida, muito importante, porque requer que o crente aceite Jesus como seu Senhor e Deus e passe pelo batismo para entrar no povo de Deus. Acreditamos que este povo, nestes últimos dias, é integrado, numa boa parte, pelos crentes reunidos na Igreja Adventista do Sétimo Dia, composta por aqueles que, entre os Cristãos, guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus.

⁶ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, cap. 27, p. 389, ed. P. SerVir.

⁷ Ler João 14:16-26.

⁸ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, cap. 27, p. 389, ed. P. SerVir.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ Também Tiago o faz, numa Epístola cheia de exemplos da vida prática.

¹¹ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, cap. 27, pp. 389 e 390, ed. P. SerVir.

¹² Ellen G. White, *O Grande Conflito*, cap. 27, p. 390, ed. P. SerVir.



Victor Parachin
Escritor free-lancer

Retirado da revista Signs of
the Times americana.

“Não há doença, física ou mental, que não tenha sido infalivelmente mitigada com a adoção de uma alimentação vegetariana e do consumo de água pura, desde que esta experiência tenha sido corretamente tentada.”

Percy Bysshe Shelley, o poeta britânico do século XIX, escreveu: “Não há doença, física ou mental, que não tenha sido infalivelmente mitigada com a adoção de uma alimentação vegetariana e do consumo de água pura, desde que esta experiência tenha sido corretamente tentada.”

Hoje, um crescente número de cientistas e de investigadores sociais estão a apelar às pessoas para que considerem adotar uma alimentação vegetariana por razões ecológicas. Em seguida, apresento os destaques de estudos recentes que esboçam as razões por que a alimentação vegetariana é boa para o ambiente e diminui a pressão sobre o nosso Planeta.

O VEGETARIANISMO PODE DIMINUIR A FOME NO MUNDO

Todos os anos, 36 milhões de pessoas, a maior parte mulheres e crianças, morrem por causa da fome e dos seus efeitos, especialmente em países subdesenvolvidos. Embora haja muitas



CURAR O PLANETA

razões inter-relacionadas para isto, como a guerra, a fome e os problemas na distribuição de alimentos, o remédio para esta tragédia é muito simples.

Somente nos Estados Unidos da América, se os cidadãos reduzissem a quantidade de consumo de carne em apenas 10 por cento, libertar-se-ia terra suficiente para produzir 12 milhões de toneladas de cereal. Isso é suficiente para salvar a vida de milhões de crianças e de adultos que morrem de fome no nosso Planeta, todos os anos.

Esta questão está centrada na produtividade da terra. Meio hectare de terra pode produzir 20 000 quilos de batatas ou 125 quilos de carne. A centena de quilos de carne alimentaria umas poucas pessoas, enquanto os milhares de quilos de batatas alimentariam muitas. Considere este facto: 80 por cento do milho e 95 por cento da aveia produzidos nos Estados Unidos da América são comidos pelos animais criados para abate. O mesmo cereal poderia ser usado para alimentar os famintos ao redor do mundo, em vez de ser dado como alimento para animais criados tendo em vista a produção de carne.

O VEGETARIANISMO PRESERVA O FORNECIMENTO DE ÁGUA POTÁVEL

A criação de animais exige grandes quantidades de água quando comparada com a produção agrícola. Metade de toda a água usada para os diversos fins nos Estados Unidos da América é empregue na criação de animais. Toda a água necessária para produzir uma vaca é suficiente para fazer flutuar uma fragata da Marinha de Guerra. Os estudos mostram que meio quilo de carne requer 10 000 litros

de água. No entanto, meio quilo de soja requer apenas 1000 litros, enquanto meio quilo de trigo requer somente 100 litros. A produção de carne é um emprego muito ineficiente dos recursos hídricos, que são consumidos durante meses e anos a fio até que produzam um produto alimentar que possa ser consumido.

A água usada para produzir apenas um hambúrguer permitiria a um indivíduo tomar um prolongado duche todos os dias durante duas semanas e meia. A criação de animais consome uma quantidade de água equivalente a todos os outros usos de água combinados nos Estados Unidos da América.

O VEGETARIANISMO REDUZ A DESFLORESTAÇÃO DA FLORESTA TROPICAL

Para satisfazer a procura anual dos consumidores de carne nos Estados Unidos da América, a nação importa cem milhões de quilos de carne da América Latina. Para se prover a alimentação necessária para estes animais, é necessário abater extensas áreas de floresta arbórea e de floresta tropical. Um estudo de 2002, realizado pelo *Smithsonian Institute*, estima que a necessidade para mais terra de pasto significa que, a cada minuto de cada dia, é destruída uma área de terra equivalente a sete campos de futebol na Bacia do Amazonas.

Para cada hambúrguer que tem a sua origem na carne de animais criados em terra de floresta tropical, foram destruídos aproximadamente cinco metros quadrados de floresta. Para além da destruição da floresta tropical, 1000 espécies de seres vivos são eliminadas ou estão ameaçadas devido à destruição do seu *habitat*.



Se mais pessoas adotassem uma alimentação vegetariana, não só melhorariam a sua saúde, mas o Planeta, e tudo o que nele há, seria favorecido e curado.

De facto, estes países estão a ser exauridos dos seus recursos para pôr comida na mesa do Americano médio, enquanto, dependendo do país, entre 20 a 50 por cento de todas as crianças da América Central com menos de cinco anos estão malnutridas. A adicionar a isto há ainda o facto de que não são apenas as florestas tropicais que são afetadas. Nos Estados Unidos da América, mais de 130 milhões de hectares de floresta têm sido devastados tendo em vista a produção agropecuária.

O VEGETARIANISMO DIMINUI A DEPENDÊNCIA DOS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS

Hoje, o processamento, empacotamento e transporte dos alimentos consomem 10 calorias da energia de combustíveis fósseis para que se produza uma caloria de alimentos para os seres humanos.

A agropecuária requer quantidades massivas de combustíveis fósseis, porque cada animal que acaba por ser abatido deve primeiro ser alimentado com cereais, soja e outros produtos vegetais. A produção destes alimentos requer um certo consumo de energia. Por sua vez, estes alimentos para os animais devem ser colhidos e transportados para os estábulos. Dos estábulos, os animais são transportados para os matadouros; as

carcaças são levadas em camiões frigoríficos para uma fábrica de processamento. Finalmente, a carne é transportada para as superfícies comerciais.

Da próxima vez que estiver a conduzir numa autoestrada, observe a quantidade de camiões que estão a transportar alimento animal ou os próprios animais. Adotar uma alimentação vegetariana reduz mais as emissões poluentes dos veículos do que conduzir um carro elétrico. Com a energia proveniente de combustíveis fósseis necessária para produzir um único hambúrguer, o Leitor poderia conduzir um carro pequeno durante 32 quilómetros.

O VEGETARIANISMO DIMINUI A POLUIÇÃO DA ÁGUA

A produção agropecuária é uma das mais prejudiciais causas da crescente escassez dos recursos hídricos da Terra. A agropecuária leva diretamente à poluição da água por causa dos excrementos animais, das hormonas e dos antibióticos dados aos animais, dos químicos das fábricas de curtumes, dos fertilizantes e dos pesticidas usados no cultivo dos produtos que servem de ração.

Segundo a Agência de Proteção Ambiental dos EUA (APA), a agricultura americana é a principal causa de

poluição da água, ultrapassando todas as outras indústrias. Um terço desta poluição é devida à produção pecuária. E o problema está amplamente disseminado, não se limitando a alguns rios isolados. A APA declara que entre 35 e 45 por cento dos lagos da América do Norte estão poluídos e as emissões agrícolas são consideradas as maiores contribuidoras para essa poluição.

Estas questões exigem uma consideração e uma resposta da parte dos Cristãos. Ao contrário de religiões como o Hinduísmo e o Budismo, que têm claras prescrições contra o consumo de carne, a Bíblia é ambígua quando se trata de estabelecer o vegetarianismo.

VEGETARIANISMO E CRISTIANISMO

É certo que pessoas citadas na Bíblia comeram carne. No entanto, o primeiro livro da Bíblia sugere a adoção de uma alimentação vegetariana. Gênesis 1:29-31 diz: “E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda a erva que dá semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore, em que há fruto de árvore que dá semente, ser-vos-á para mantimento. E a todo o animal da terra, e a toda a ave dos céus, e a todo o réptil da terra, em que há alma vivente, toda a erva verde será para mantimento. E assim foi. E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom: e foi a tarde e a manhã o dia sexto.”

Quando Deus nos criou, os seres humanos deviam comer plantas e frutos, enquanto os animais deveriam alimentar-se de erva verde.

John Dear, um sacerdote e escritor Católico, comenta esta passagem com as seguintes palavras: “No mundo inicial e

ideal de Deus, representado no livro de Gênesis pelo Jardim do Éden, não havia sofrimento, exploração ou violência. Os seres humanos e os animais eram vegetarianos, como lemos no primeiro capítulo de Gênesis. [...] Imediatamente depois de criar este mundo belo, não violento e sem exploração, Deus descreve-o como sendo ‘muito bom’. Esta é a única vez na narrativa que Deus diz que a Criação é ‘muito boa’, em vez de apenas ‘boa’ – e isto acontece imediatamente depois de Deus dar a Sua ordem sobre a alimentação vegetariana.”

O Dr. Andrew Linzey, Diretor do Centro para o Estudo da Teologia na Universidade de Essex, no Reino Unido, entre 1987 e 1992, e autor da obra *Cristianismo e Direitos dos Animais*, escreve: “Portanto, o argumento cristão em favor do vegetarianismo é simples: dado que os animais pertencem a Deus, têm valor para Deus e vivem para Deus, segue-se que a sua destruição desnecessária é um pecado. Em resumo: os animais têm algum direito à sua vida.”

Se mais pessoas adotassem uma alimentação vegetariana, não só melhorariam a sua saúde, mas o Planeta, e tudo o que nele há, seria favorecido e curado.

Na sua época, o Presidente Herbert Hoover prometeu a todos os Americanos “uma galinha em cada panela e um carro em cada garagem”. Mas, com as questões ambientais e ecológicas que estão a afetar o Planeta, as pessoas começam a ponderar o tipo de veículos que conduzem. Para além disso, talvez mais pessoas deveriam estar preocupadas com a galinha na panela e com o frango no forno.



—
Jim Howard

Diretor-Associado dos Ministérios Pessoais da Conferência Geral

Retirado da revista missionária GROW.

Ficamos contentes por ter os nossos membros sentados num banco de igreja, a acumular pó como os velhos dossiês de registos financeiros? O nosso objetivo supremo é apenas garantir que os membros da Igreja não deixam a Igreja?

DEIXAR ABERTA A PORTA DAS TRASEIRAS

Estava a caminho de uma conferência sobre “Retenção dos Membros da Igreja”, onde iria falar, quando comecei a meditar naquela palavra – “retenção”. Até há poucos anos, penso que a única vez que usei essa palavra foi quando trabalhava como contabilista. “Retenção de registos” significava o período de tempo em que devíamos guardar os dossiês de registos financeiros – três anos, sete anos, 15 anos, etc.. Quando a “data de destruição” de um dossiê tinha passado, nós triturávamos os documentos do dossiê e, assim, criávamos espaço para mais dossiês.

Ao pensar sobre a retenção de registos, não podia deixar de me interrogar sobre se a “retenção” era a fasquia certa a estabelecer para os membros da Igreja. Ficamos contentes por ter os nossos membros sentados num banco de igreja, a acumular pó como os velhos dossiês de registos financeiros? O nosso objetivo supremo é apenas garantir que os membros da Igreja não deixam a Igreja?

DEIXAR ABERTA A PORTA DAS TRASEIRAS

É frequente vermos pessoas serem batizadas na Igreja e, após alguns anos, ou, mesmo, após alguns meses, verificarmos que elas desapareceram. Nos últimos 50 anos, uma média de quatro entre cada 10 novos membros deixaram a Igreja. Pelo que, há já alguns anos, tem havido uma firme ênfase sobre a importância de fecharmos a proverbial porta das traseiras da Igreja.

Mas, interrogo-me, deveria ser esse o nosso objetivo? Trancar a porta, para que ninguém possa sair?

Ao preparar-me para falar acerca do tópico da “retenção”, perguntei-me: “O que fez a Igreja para *me* reter?” Não pude encontrar grande coisa. E, no entanto, nunca considerei seriamente deixar a Igreja. Ao longo dos anos, especialmente ao procurar partilhar a minha fé com outros, tive de me debater para saber o que é verdade e para responder a muitas objeções contra Ellen G. White e contra as crenças da nossa Igreja. Em cada caso, o peso das provas tornou-me ainda mais confiante na fé Adventista. Os meus próprios estudos e trabalhos convenceram-me de que esta é a Igreja Remanescente, que o Senhor suscitou, e de que a sua mensagem é poderosamente verdadeira. Assim, porque haveria eu de sair?

Focarmo-nos apenas na retenção, ou em fechar a porta das traseiras, não responde ao problema real. Não queremos que os membros fiquem na Igreja apenas por causa da atenção que lhes damos ou por causa do ambiente que criamos para eles – por mais importantes que estas coisas possam ser – porque tais coisas podem ser apenas temporárias. Queremos que eles fiquem por causa do seu amor por Cristo, e por causa do seu compromisso com a missão e com a mensagem bíblica da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Eis algo que os manterá na Igreja, mesmo quando a porta das traseiras estiver totalmente aberta!

DE CONSUMIDORES A PRODUTORES

Então, como podemos ajudar os novos membros a obterem a convicção profunda que os manterá na Igreja? Para começar, temos de mudar o nosso foco da “retenção” para o “Discipulado”. Je-

sus disse: “Qualquer que procurar salvar a sua vida, perdê-la-á, e qualquer que a perder, salvá-la-á” (Lucas 17:33). Do mesmo modo, a única maneira de garantirmos que alguém se mantém apegado à verdade está em treinar essa pessoa para oferecer a verdade: “Quanto mais alguém tentar explicar a Palavra de Deus a outros, com amor pelas pessoas, tanto mais clara ela se tornará para essa pessoa” (Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, cap. 25, p. 240, ed. P. SerVir). Ellen G. White encoraja os novos membros a começarem imediatamente a partilhar a sua fé: “Quando as almas se convertem, ponham-nas a trabalhar imediatamente. E, ao trabalharem, tornar-se-ão mais fortes” (*Evangelismo*, secção X, p. 355). “Que todos sejam ensinados a trabalhar. Especialmente os recém-chegados à fé devem ser educados para se tornarem colaboradores de Deus” (*Serviço Cristão*, cap. 7, p. 85,

“Todo o verdadeiro discípulo é nascido no Reino de Deus como um missionário. Aquele que bebe da água viva torna-se numa fonte de vida. O recetor torna-se num dador.”

***– Ellen G. White,
Serviço Cristão.***

ed. P. SerVir); “Todo o verdadeiro discípulo é nascido no Reino de Deus como um missionário. Aquele que bebe da água viva torna-se numa fonte de vida. O recetor torna-se num dador” (*Serviço Cristão*, cap. 1, p. 17, ed. P. SerVir).

A chave para um Discipulado bem-sucedido consiste em o recetor se tornar num dador e o consumidor se tornar num produtor: “Não são poucos, mas milhares, os seres humanos que vivem apenas para consumir os favores que Deus, na Sua misericórdia, derrama sobre eles. [...] Esquecem-se de que, por negociarem sabiamente com os talentos que lhes foram emprestados, devem ser tanto produtores como consumidores” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, cap. 33, p. 249, ed. P. SerVir).

FAZER DISCÍPULOS

Há demasiado tempo que o objetivo supremo de muitas igrejas é a realização de batismos. Logo que alguém é batizado, a atenção é desviada para outro lado. Embora nunca devamos diminuir a importância do batismo, devemos lembrar-nos de que este não é o nosso objetivo *supremo*. A Grande Comissão não ordena que se façam membros, mas discípulos (veja Mateus 28:19)! Depois de alguém ser batizado, ainda há muito trabalho a fazer para desenvolver estes novos convertidos, de modo que se tornem discípulos Adventistas do Sétimo Dia ativos.

Um discípulo é um seguidor de Jesus, e Jesus disse o seguinte sobre aquele que O segue: “Então, disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me”

O nosso trabalho não está completo até que o consumidor se torne num produtor; até que aquele que é apanhado na rede do Evangelho se torne num pescador de homens.

(Mateus 16:24). “E Jesus lhes disse: Vinde após mim, e eu farei que sejais pescadores de homens” (Marcos 1:17).

Com estes dois pequenos versículos, aprendemos que os discípulos de Cristo serão abnegados (“renuncie-se a si mesmo”) trabalhadores para Deus (“pescadores de homens”). Agora, note o que Ellen G. White tinha a dizer acerca dos trabalhadores abnegados: “É evidente que todos os sermões que têm sido pregados não desenvolveram uma grande classe de obreiros abnegados. Este assunto deve ser ponderado, pois envolve os mais sérios resultados. O nosso futuro para a eternidade está em jogo. As igrejas estão a definhar, porque não usaram os seus talentos para difundir luz” (*Serviço Cristão*, cap. 5, p. 72, ed. P. SerVir).

Cumprir a Grande Comissão é mais do que fazer membros através do batismo – é fazer obreiros. Os membros podem encher os bancos da igreja, mas os trabalhadores partilham uma influência positiva, abençoam outros, ganham almas e acabam sempre por ficar na Igreja. O nosso trabalho não está completo até que o consumidor se torne num produtor; até que aquele que é apanhado na rede do Evangelho se torne num pescador de homens. Fazer um discípulo é fazer um trabalhador abnegado para Cristo.


COMUNHÃO COM DEUS

Sendo assim, por onde devemos começar os nossos esforços para garantirmos que os novos membros se tornam discípulos ativos? Tudo começa com o reconhecimento da fonte da nossa vida e do nosso poder espirituais. Os novos mem-

bros devem ser encorajados a formar o hábito da comunhão com Deus através de oração e do estudo da Bíblia pessoais. Eles apenas podem dar aquilo que começaram por receber através da sua relação com Cristo como Salvador pessoal.

Muitos membros recém-batizados passaram recentemente por uma série de palestras evangelísticas ou receberam uma série de estudos bíblicos. Em tais casos, é fácil para os novos membros caírem no hábito de dependerem de alguém com maior experiência para os “alimentar” espiritualmente. Deve ser ensinado a esses membros que o único modo de manter a vida espiritual é através de uma comunhão pessoal com Deus.

Quando os membros deixam a Igreja, eles indicam razões para isso, como problemas na igreja, conflitos interpessoais ou desacordos doutrinários. No entanto, para dizer a verdade, a causa subjacente é, frequentemente, a negligência em passar tempo pessoal com Deus. Muitos novos membros não percebem que uma forte vida espiritual não é naturalmente algo nosso. Pensamentos e desejos mundanos voltarão em força, caso negligenciemos alimentar a nossa alma com a oração e o estudo da Bíblia. Note a ênfase que Ellen G. White coloca sobre a importância da oração pessoal para a vida espiritual: “Negligencie o exercício da oração ou empenhe-se na oração de forma espasmódica, de vez em quando, como parecer conveniente, e perderá a sua ligação a Deus” (*Oração*, cap. 1, p. 13, ed. P. SerVir). “A oração é uma necessidade, pois é a vida da alma. A oração particular e em público tem o seu lugar; é, porém, a comunhão secreta



*Desenvolver
hábitos vitais de
oração e de estudo
da Bíblia diários
deve ser uma
prioridade em
qualquer plano de
Discipulado.*

com Deus que sustenta a vida na alma” (*Educação*, secção 7, p. 258).

Não só é necessária a oração, mas é necessário também o poder criador da Palavra de Deus. Não lemos a Bíblia apenas para obter conhecimento, mas também para cultivarmos a própria vida espiritual. Considere os seguintes textos: “Sendo de novo gerados ... pela palavra de Deus” (I Pedro 1:23). “As palavras que vos disse são espírito e vida” (João 6:63). “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz” (Hebreus 4:12). “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mateus 4:4).

Desenvolver hábitos vitais de oração e de estudo da Bíblia diários deve ser uma prioridade em qualquer plano de Discipulado. Sem o estabelecimento destes hábitos, os novos membros tornar-se-ão alvos fáceis para o inimigo: “Satanás sabe bem que todos quantos puder levar a negligenciar a oração e o estudo das Escrituras serão vencidos pelos seus ataques. Portanto, inventa todo o artifício possível para ocupar



a mente” (Ellen G. White, *O Grande Conflito*, cap. 32, p. 434, ed. P. SerVir).

COMUNHÃO COM A IGREJA

Outro bloco de construção importante do processo de Discipulado do novo membro é a comunhão. Esta pode ser incorporada num plano de Discipulado, pelo menos de duas formas: (1) enfatizando a importância de se frequentar as reuniões da igreja; e (2) realizar esforços intencionais para travar amizade com os novos membros e para lhes servir de mentor.

O Discipulado deveria incluir a prestação de ajuda aos novos membros, para que desenvolvam o hábito importante de frequentar a Escola Sabatina, a igreja e a reunião de oração ou o Pequeno Grupo de estudo da Bíblia. As relações que estabelecem, especialmente mediante a comunhão na Escola Sabatina e nos Pequenos Grupos, formarão laços fortes que serão difíceis de romper.

Os novos membros devem ser ensinados que a frequência dos serviços

da igreja e demais eventos não só é uma bênção pessoal, mas é igualmente um *ministério* que fortalece a igreja. Note como o apóstolo Paulo enfatiza este ponto: “E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros, e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia” (Hebreus 10:24 e 25).

Paulo aconselha-nos a que “consideremo-nos uns aos outros”, reunindo-nos para a comunhão cristã. Não devemos ser Ilhas. A nossa frequência da igreja não só aumenta a nossa fé, como ajuda a encorajar e a promover a fidelidade nos outros membros da igreja.

Para além da comunhão experimentada nas reuniões e nas funções da igreja, os novos membros necessitarão de atenção pessoal: “Depois de as pessoas se haverem convertido à verdade, cumpre que sejam cuidadas. [...] Os novos conversos necessitam de ser atendidos – vigilante atenção, auxílio, animação. Não devem ser deixados entregues a si mesmos, presa das mais poderosas tentações de Satanás; eles precisam de ser instruídos com relação aos seus deveres, ser tratados bondosamente, conduzidos e visitados, orando-se com eles” (Ellen G. White, *Evangelismo*, secção X, p. 351).

Para garantir que este importante conselho é seguido, as igrejas deveriam adotar um plano de Discipulado que associa membros mais experientes com aqueles que foram recentemente batizados. Estes mentores tornam-se amigos chegados dos recém-batizados, fornecendo instrução útil, integrando-



*A nossa
frequência da
igreja não só
aumenta a nossa
fé, como ajuda
a encorajar e
a promover a
fidelidade nos
outros membros
da igreja.*

-os na vida e na missão da Igreja, treinando-os para trabalharem em prol das almas, e ajudando-os a desenvolverem hábitos espirituais fortes.

FORMAÇÃO INTENCIONAL E SISTEMÁTICA

O Discipulado não acontece por acaso. Os novos membros não se tornam trabalhadores abnegados por acaso. Devem-lhes ser ensinado a importância da comunhão com Deus e da comunhão com a Igreja, e eles devem ser treinados para o serviço. Os mentores devem levar consigo os novos membros ao servirem a Comunidade, ao distribuírem literatura, ao darem estudos bíblicos, etc.. Eles devem fazer com que os novos membros participem nos serviços e nos Departamentos da igreja. Tal como um processo intencional e sistemático prepara os candidatos para o batismo, deveria também ser posto em prática um plano intencional de Discipulado *após* o batismo.

Sem um plano como esse, para aconselhar e treinar os novos membros, as igrejas continuarão a perder membros recém-batizados pela proverbial porta das traseiras. Podemos bloquear a porta, fechar a porta ou trancar a porta – ainda assim eles encontrarão uma forma de sair.

Por outro lado, se ajudarmos os novos membros a desenvolverem hábitos espirituais vitais, e se os formarmos para que se tornem ativos ganhadores de almas, eles tornar-se-ão mais fortes na fé e tornar-se-ão mais próximos de Cristo. Abençoarão a Igreja e expandirão o Reino de Deus nos anos futuros. E nós não necessitaremos de fechar a porta das traseiras para os impedir de sair, porque eles estarão exatamente onde querem estar!

Um plano simples e eficaz para o Ministério de Discipulado da igreja local pode ser encontrado no *Manual do Discipulado*. Pode saber mais sobre este valioso recurso, que incorpora todos os princípios-chave partilhados neste artigo, no site grow.adventist.org.

FÉ QUE MOVE MONTANHAS



Assista a este testemunho:
<https://www.youtube.com/watch?v=RyuolCNja0c>



Danúbia França
Jornalista

Retirado da Revista Adventista brasileira de dezembro de 2018.

Uma reformada de quase 80 anos fez o improvável para implantar uma igreja.

Já sonhou com algo que julgou ser impossível de realizar? O que fez para tornar real o que planeou? Por diversos motivos, existem pessoas que desistem antes de começar o que planejaram. Outras renunciam perante a primeira dificuldade. No entanto, há quem enfrente e desafie as adversidades em busca da realização. É o caso da Dona Maria do Carmo Carvalho.

Oriunda do Interior da Bahia, Maria do Carmo nasceu no seio de uma família religiosa. Aos 15 anos, conheceu o Evangelho por intermédio de uma amiga e tornou-se membro da Igreja





Adventista do Sétimo Dia. O seu interesse e o seu compromisso com os ensinamentos bíblicos eram sinceros. Do dinheiro que recebia por trabalhar na pensão da sua irmã, Paula, devolvia fielmente o dízimo e doava outra parte como oferta de gratidão a Deus. “Creio que devemos ser obedientes ao que a Bíblia nos pede”, observa ela.

Aos 18 anos, com o consentimento dos pais, mudou-se para São Paulo e foi trabalhar na casa de outra família. “No começo, chorei bastante de saudades. Mas a minha patroa gostava muito de mim e eu adaptei-me à nova vida.”

Maria do Carmo casou-se e teve duas gestações, infelizmente interrompidas. “Na primeira, o bebê nasceu morto. Na outra, tive um aborto depois de uma queda. Sofri imenso, porque desejava muito ter filhos.” Aos 14 anos de casamento, veio o divórcio. “Fiquei muito decepcionada. Depois de algum tempo, conheci a cidade de Juquiá e fui morar na comunidade de Itopava. Foi ali que pude dedicar o meu tempo ao trabalho missionário, que é o que eu mais gosto de fazer.”

O SONHO

A reformada tem 79 anos e vive sozinha num vilarejo de Juquiá, município localizado a cerca de 170 quilômetros da capital paulista. Ela sonhava cons-

truir uma igreja, a fim de estudar a Bíblia e de apresentar o amor de Deus à vizinhança, objetivo que parecia muito distante de alcançar. “Eu sabia, desde o início, que não seria fácil. Por mais que tivesse pressa, tive de ser paciente, porque dependia de várias coisas.”

Convicta do que pretendia, ela doou um terreno para que nele fosse edificado um templo. “Eu sempre imaginei um lugarzinho onde a gente se pudesse reunir. Como tinha este lote, não pensei duas vezes e doei-o à Igreja.”

O desejo de evangelizar impulsionou Maria do Carmo a dar outro grande passo. Otimista e cheia de energia, ela fez a terraplanagem sozinha com apenas uma enxada e um saco de cânhamo para arrastar a terra. Recém-chegado à cidade, Anderson Bernardes dos Reis, Pastor local, soube do caso de Dona Maria do Carmo. “Quando fui visitá-la, fiquei perplexo. De acordo com os engenheiros, ela removeu, sem a ajuda de nenhum equipamento motorizado, mais de 200 metros cúbicos de terra. Isto equivale a, aproximadamente, deztoito caminhões de terra.”

Com o passar do tempo, o testemunho desta “gigante” que tem um metro e meio de altura e 50 quilos de peso tornou-se conhecido mesmo fora do Brasil. Através de um vídeo divul-



gado na Internet, que já teve 35 000 visualizações, a sua história chegou ao outro lado do mundo. “Fiquei encantada ao ver o testemunho da Dona Maria. Percebi que a vontade dela de construir uma igreja vem do amor que ela tem por Jesus e pelo próximo. Esta história teve um grande impacto na minha vida”, comenta Márcia Mekuro Ohira Fukuroi, que reside no Japão.

O Jardim Itopava, onde Maria do Carmo reside, tem aproximadamente 130 famílias e é considerado um bairro pobre. Para se ter acesso à saúde, à educação e à farmácia, entre outros serviços, é necessário ir até Juquiá. Porém, boa parte dos moradores não tem meio de transporte. Então, percorrem um longo e precário trajeto. “Quando vou ao mercado, caminho cerca de cinco quilômetros. O mesmo acontece quando vou à igreja. Quando chove, vou com botas e gabardine. Não gosto de perder nenhum culto de Sábado, já que aos outros cultos à noite é complicado ir, porque a estrada está cheia de buracos e não tem iluminação”, comenta Maria.

Depois de terminar um serviço que estava a realizar, Maria do Carmo sentiu-se mal. Ela conseguiu falar com um vizinho, que a levou de carro até à casa do Pastor Anderson. “Assim que nos vimos, ela disse-me que não

se sentia bem. Percebi que estava diferente do normal, pelo que levei-a às urgências. Constatou-se que ela tinha tido um AVC”, relata o Pastor.

Maria do Carmo ficou internada por alguns dias e, quando teve alta, foi morar durante dois meses com a sobrinha para prosseguir o tratamento. Apesar da saúde fragilizada, ela continuava com o plano de construir a igreja antes de chegar o ano de 2018. No entanto, outros desafios acabaram por surgir. Havia pouco tempo para concluir o trabalho e o tempo chuvoso estava a dificultar o avanço da construção.

Porém, depois de muita oração e muito trabalho, o que parecia ser impossível tornou-se real. No dia 11 de novembro de 2017, Maria do Carmo, habitantes da região, membros da igreja Central de Juquiá, líderes da Associação Paulista Sul e convidados testemunha-

“De acordo com os engenheiros, Maria do Carmo removeu, sem a ajuda de nenhum equipamento motorizado, mais de 200 metros cúbicos de terra. Isto equivale a, aproximadamente, dezoito camiões de terra.”



ram o momento da inauguração da igreja Adventista do Sétimo Dia de Itopava.

A cerimônia de inauguração aconteceu no novo edifício e foi marcada por batismos. “Ver as pessoas a tomarem decisões e a serem batizadas faz com que este prédio realmente tenha significado e isso é maravilhoso. Podemos ver que o sonho da irmã Maria do Carmo está a realizar-se a dobrar. O templo foi inaugurado e, acima de tudo, as pessoas estão a unir-se à Igreja”, ressalta o Pastor Reis. Além de um salão construído por Maria, que hoje é usado também para atividades com crianças e jovens, o templo dispõe de cozinha equipada, de estrutura adaptada para pessoas com necessidades especiais e de uma área para confraternização.

VIDA SIMPLES

As mãos calejadas de Dona Maria revelam que a sua vida sempre foi marcada por muito trabalho e esforço. Quando passou a viver nesta comunidade rural, a sua rotina tornou-se muito simples. A sua paixão é lidar com a terra, de onde ela também tira boa parte do que consome. A alimentação saudável, rica em frutas, legumes e tubérculos, explica de onde ela tira forças para realizar tarefas improváveis para uma pessoa com a sua

idade. “Nunca fiz questão de morar no luxo. Tudo o que tenho aqui é suficiente para mim”, assegura.

Maria do Carmo não frequentou a Escola, mas gosta de comprar literatura e lê-la antes de a distribuir. Tudo o que aprende procura partilhar com os amigos. Já chegou a ministrar 13 estudos bíblicos ao mesmo tempo. Um dos frutos do seu trabalho missionário foi a família de Gonçalo Silva de Alencar. “Certo dia, a irmã Maria do Carmo bateu à nossa porta e perguntou se eu e a minha família queríamos estudar a Bíblia. Aceitámos e foi a melhor coisa que fizemos. Ela é muito dedicada e atenciosa, o que nos ajudou muito na decisão de seguir Cristo.”

Por se preocupar também com as crianças da comunidade, ela dedica um dia por semana para realizar atividades recreativas e educativas. Para ela, o amor, o cuidado e a educação religiosa devem ser ensinados e reforçados na infância, para que os valores permaneçam até à idade adulta.

Para Maria do Carmo nunca é tarde para sonhar. Ela sente que ainda pode fazer muito mais. “Agora a minha responsabilidade aumentou. Sinto que o meu trabalho está apenas a começar. Há muitas pessoas que necessitam de conhecer Jesus!”



Paula Amorim
Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Criança

O PROFETA DANIEL



» VERSÍCULO 3D «

“E temos, mui (firmamento + metal) = (3 letras + 2 letras) = _____, a (palavrar) = (8 letras - 1 letra) = _____ dos (professor + tasco) = (5 letras + 3 letras) = _____, à qual bem fazeis em estar (atentar + osso) = (5 letras + 2 letras) = _____...” [II Pedro 1:19.]

Resolve os enigmas e completa o texto-chave.

» HISTÓRIA 3D «

Lê a história em Daniel, capítulo 1, e ilustra as frases.

Daniel e os três amigos foram levados prisioneiros para Babilônia.

Em Babilônia, foram bem-tratados no palácio do rei. Comiam e estudavam para serem ministros do rei.

Daniel decidiu ser obediente a Deus e pediu ao chefe para comer comida saudável.

O rei viu que Daniel e os amigos eram 10 vezes mais inteligentes. Deus deu a Daniel a capacidade de entender sonhos e visões. Ele foi um profeta de Deus.

» DESCOBRE MAIS «

Daniel, através da sabedoria dada por Deus, interpretou os sonhos e as visões de reis, tornando-se numa figura importante na corte do Império Babilônico. Daniel interpretou o sonho do rei Nabucodonosor, no capítulo 2. Mais tarde, explicou outro sonho, no capítulo 4, ao mesmo rei, avisando-o de que deveria deixar o pecado do orgulho, senão ficaria louco e viveria como um animal. Também interpretou “A Escrita na Parede” do rei Belshazar, no capítulo 5. Ele também tinha visões do que iria acontecer no futuro. A revelação do sonho do capítulo 2 que ele teve continuou nos capítulos 7 a 12, onde Deus lhe deu mais detalhes sobre a história do mundo até ao fim.

» DESENVOLVE SEMPRE «

Daniel era membro de um grupo de conselheiros do rei Nabucodonosor, os homens sábios do seu tempo. Ele foi nomeado para cargos públicos sob vários reis dos dois grandes Impérios de Babilônia e da Medo-Pérsia. Daniel foi um homem de Deus muito sábio. Ele recebeu mensagens de Deus que ainda se estão a cumprir. Essas mensagens, que anunciam o fim, são firmes e devemos estar atentos porque são a luz de Deus para que, no nosso tempo, sejamos sábios como Daniel (II Pedro 1:19).

» DÁ-TE À MISSÃO «

Procura ler mais sobre a profecia de Daniel 2 e entender o que Deus reve-

lou. Faz a tua própria estátua do sonho dado por Deus e, num vídeo, explica o sonho para partilhares com os teus amigos e conhecidos. Neste *link*, podes tirar algumas ideias sobre a estátua: <https://youtu.be/m9aaz2wxfHs>

» ATIVIDADE 3D «

Recorda a história de Daniel. Preenche as palavras cruzadas partindo da palavra já escrita.

6 LETRAS:

Tequel
Parsim
Daniel

8 LETRAS:

Sadraque
Fornalha
Belsazar

5 LETRAS:

Dario
Prata
Leões
Festa
Acesa

4 LETRAS:

Sete
Três
Mene
Mene
Ouro
Anjo
Orar

7 LETRAS:

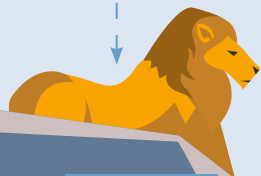
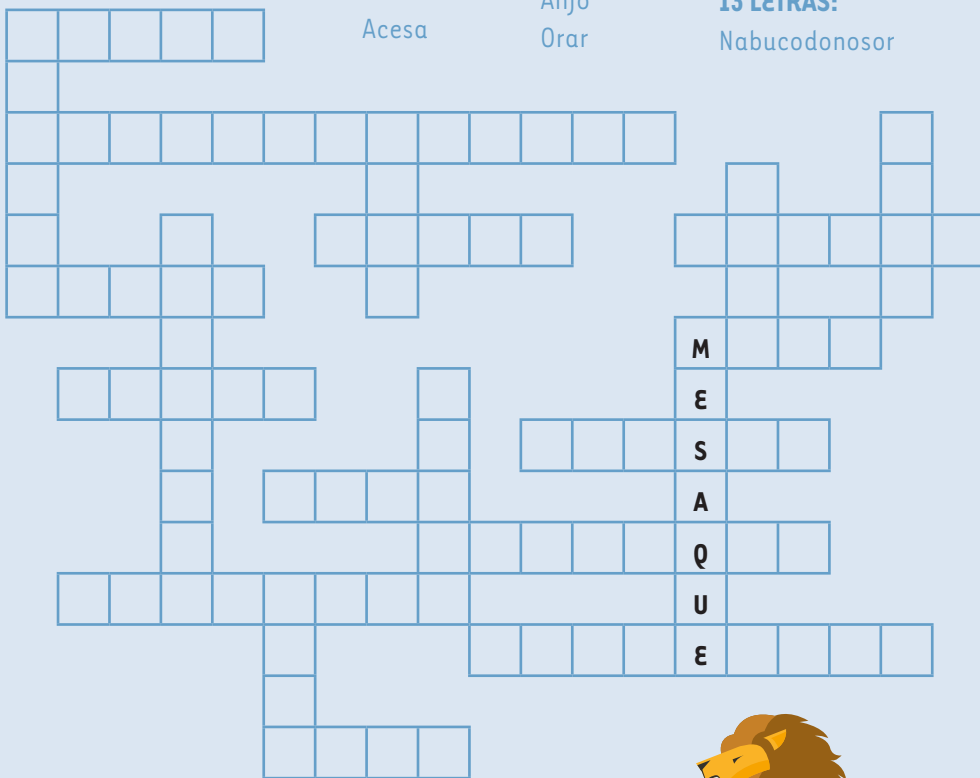
Mesaque

9 LETRAS:

Abedenego

13 LETRAS:

Nabucodonosor



QUANDO PASSARES PELAS ÁGUAS...



Tom Gabriel
*Licenciado em Estudos
Africanos*

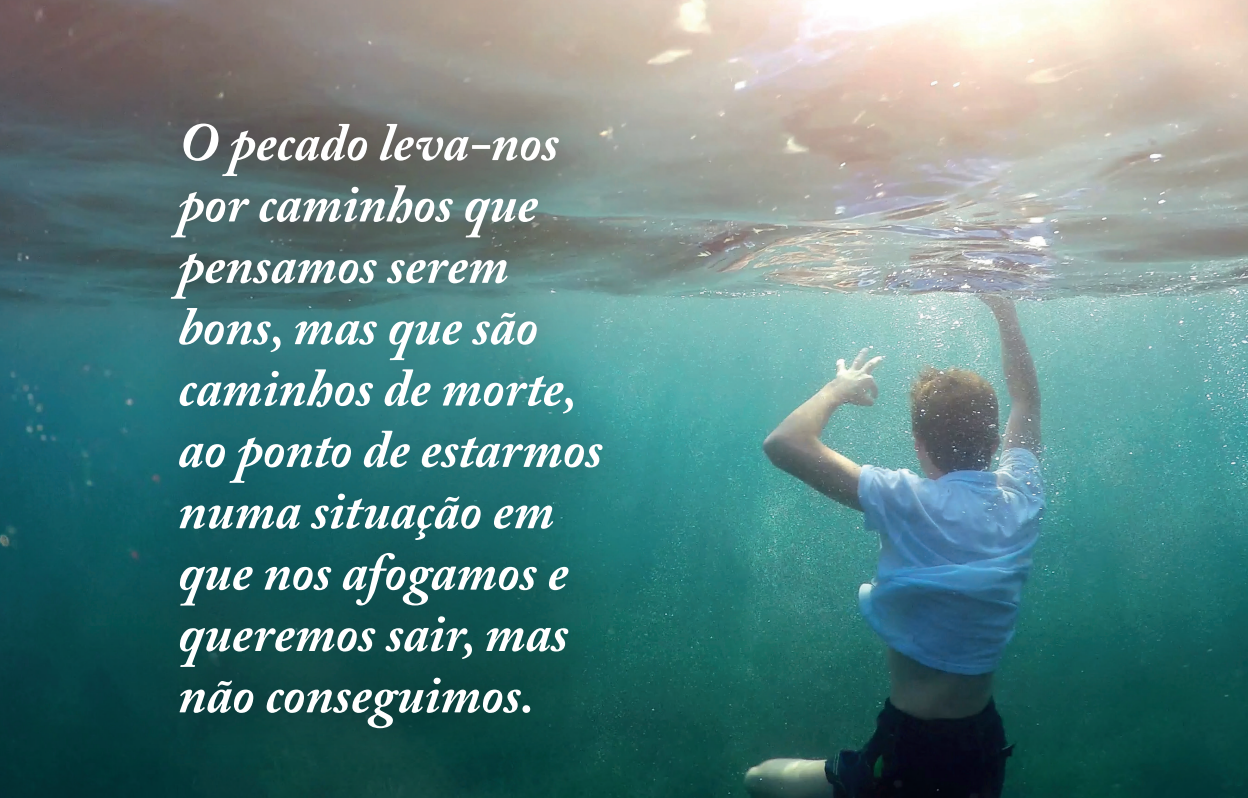
***“Jesus, se não me salvares, vou morrer; salva-me, por favor.”
Estiquei o braço para fora da água e a corda do guia caiu exatamente na minha mão.***

Em 2017, fui de viagem para a Tailândia com dois amigos. Tinha passado cerca de um ano desde o meu batismo; tinha acabado a minha Licenciatura; e estava numa relação com uma descrente.

Numa das cidades, Chiang Mai, os meus amigos e eu decidimos ir fa-

zer *rafting* e foi extremamente divertido. Após a descida do rio, que tinha mais força do que o normal, porque tinha chovido muito na noite anterior, almoçámos com o resto dos viajantes e com os guias. Um dos guias propôs-nos a “aventura” da tarde, que consistia em descer uma cascata num escorega naturalmente esculpido na rocha. Todas as pessoas recusaram, menos eu. Fui com o guia para o topo da cascata (com mais água do que o normal), olhei e perguntei-lhe: “E agora?” Ele respondeu: “Então, agora saltas.” Ele saltou primeiro e eu saltei logo a seguir. Quando estávamos na água, ambos tivemos bastante dificuldade para sair de debaixo da cascata, porque a força da água era muita. O guia, tendo mais força do que eu, conseguiu sair. Eu não.

Lembro-me de ser puxado para baixo de água, engolir água, nadar para cima e repetir o mesmo ciclo algumas vezes. Numa das vezes que vim à tona, olhei para o guia, já em terra. Sabendo que ele tinha uma corda de salvamento, perguntei-me: “Mas por-



O pecado leva-nos por caminhos que pensamos serem bons, mas que são caminhos de morte, ao ponto de estarmos numa situação em que nos afogamos e queremos sair, mas não conseguimos.

que não me atira a corda? Porque está ele parado a olhar?” Fui então puxado para baixo, sem ar, com os músculos completamente sem forças. Meditei na situação e, muito calmamente, pensei como seria fácil morrer sem dor. Só tinha que fechar os olhos e já estava... No último momento, pensei para mim mesmo: “Que estupidez... Pelo menos, ora!” E assim fiz: “Jesus, se não me salvares, vou morrer; salva-me, por favor.” Estiquei o braço para fora da água e a corda do guia caiu exatamente na minha mão. Fui puxado para terra, graças a Deus.

Quando voltei para Portugal, o Espírito Santo falou comigo acerca da minha relação de jugo desigual. Resisti-Lhe muito, dando desculpas, mas Deus ganhou e eu terminei a relação. Por que razão escrevo sobre a infeliz aventura na Tailândia e também sobre o jugo desi-

gual? Porque acredito que a experiência de quase morte por afogamento foi uma analogia prática sobre a relação que eu tinha e que não vinha de Deus. O pecado leva-nos por caminhos que pensamos serem bons, mas que são caminhos de morte, ao ponto de estarmos numa situação em que nos afogamos e queremos sair, mas não conseguimos. Só quando ganhamos consciência da nossa condição, e gritamos por socorro, é que Jesus pode atirar a corda de resgate. Se nos iludimos, pensando que é amor o que sentimos, quando é, na verdade, paixão, afogamo-nos sem nos apercebermos, e morremos.

Caro Leitor, caso esteja numa relação com um jugo desigual, não se afogue. Sofrerá um pouco, mas agradecerá a Deus durante toda a sua vida pela liberdade conquistada (Eclesiastes 7:26).



“Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior.” – EGW, Evangelismo, p. 257.

ELLEN G. WHITE DURANTE UMA EPIDEMIA¹

O exemplo de Ellen G. White pode ajudar-nos nas nossas reações e ações em tempos de Covid-19.

Em 13 de agosto de 1894, Ellen G. White escreveu uma carta a Stephen Haskell, Pioneiro Adventista, expressando a sua preocupação pelas pessoas que estavam a morrer vitimadas pelo vírus *influenza*:

“Através de toda a Nova Gales do Sul, temos vindo a ser testados e provados com a epidemia da *influenza*. Quase todas as famílias têm sido afligidas nas cidades e nas vilas. Alguns estão muito, muito doentes. As suas vidas estão suspensas. Nós oramos pelos doentes e fazemos o que podemos financeiramente; depois esperamos o resultado. (...) Num dia da semana passada, houve onze funerais. (...) As crianças parecem não sofrer tanto como os adultos e os idosos. Eu tenho sido severamente atacada, e não tenho possibilidade de participar nas reuniões já há quatro semanas; mas ainda não desisti, nem sequer me meti na cama um só dia. Tenho escrito o meu

número de páginas quase todos os dias, apesar de tossir, espirrar e sangrar do nariz. O irmão Colcord tem estado de cama. Quase todos à minha volta têm sofrido, mas eu agradeço ao Senhor porque estou melhor e confiante n’Ele. Devemos fazer tudo o que pudermos no nome do Senhor. (...) Não devo considerar a situação como desesperada; apenas lamentar e orar ao ver os meus irmãos e as minhas irmãs em sofrimento. (...) O povo de Deus tem sido provado e testado, e permita Deus que eu possa ajudá-los durante a provação (...) e, ao fazê-lo, que eu possa unir-me a Jesus mais firmemente do que nunca.” – *Carta 30*, 13 de agosto de 1894.

É importante notar que, quando Ellen G. White escreveu a carta, tinha quase 67 anos, sendo, por isso, uma pessoa de alto risco. A sua confiança em Deus e o seu estilo de vida ajudaram-na a enfrentar o momento da crise e a sair

vitoriosa. O que ela aprendeu durante a epidemia pode agora ajudar-nos no meio desta pandemia da Covid-19.

LIÇÕES PRÁTICAS

Podemos seguir o exemplo de Ellen G. White nalguns aspetos.

1. Ellen nunca se desencorajou na presença da doença. Dentro das suas possibilidades, ela ajudou, por todos os meios, a família e os irmãos, apoiada nas promessas de Deus (ver Isaías 41:10; II Coríntios 4:7-9; Salmo 23).

2. Apesar de também estar doente, Ellen nunca parou de trabalhar, de cumprir as suas tarefas e os seus objetivos – escrevia diariamente. Não perdeu o sentido de missão. Jesus prometeu-nos: *“Estou convosco todos os dias até ao fim dos tempos”* (Mateus 28:20).

3. Ellen manteve sempre uma atitude de oração e de confiança no poder do Senhor. Olhava com entusiasmo para o futuro da Igreja. Se ela vivesse connosco, neste século XXI, certamente também utilizaria as tec-

nologias de comunicação para, à distância, confortar os doentes e os enlutados, dinamizar Pequenos Grupos, dar mensagens de encorajamento e apoiar a Igreja nos lares (durante o tempo de confinamento).

Tenhamos a certeza de que este Coronavírus irá morrer. Quando? Não sabemos. Só Deus o sabe. A realidade é que ele não fará parte dos habitantes da Nova Jerusalém. Entretanto, lembremo-nos destas frases nas portas de algumas igrejas nos Estados Unidos da América:

“As igrejas estão abertas. Só os edifícios fecharam.”


“A igreja está aberta, porque a igreja és tu.”

“Abrimos a nossa igreja digital.”

Vamos manter-nos conectados pela *Internet* ou pelo *Zoom*. Por estas tecnologias, para bem da Causa do Mestre, louvado seja Deus!

1

Condensado e adaptado de Melchor Ferreyra, Inter-American Division News, *Adventist Review*, 4 de abril de 2020.



Ellen manteve sempre uma atitude de oração e de confiança no poder do Senhor.



“Disse-lhes Noemi: Ide, voltai cada uma à casa da sua mãe; e o Senhor use convosco de benevolência, como vós usastes com os que morreram e comigo. O Senhor vos dê que sejais felizes, cada uma em casa do seu marido. E beijou-as. Elas, porém, choraram em alta voz.”¹

Duas foram as instituições trazidas para fora do Éden após o pecado: o Sábado e a família. Desde então, tornaram-se objeto especial dos ataques de Satanás. Ao longo do tempo, tem o inimigo procurado impedir a bênção que cada uma destas instituições comporta. Se, para os Adventistas do Sétimo Dia, a verdade acerca do Sábado serve até de “trunfo espiritual”, o mesmo talvez não aconteça à igualmente solene e importante instituição que é o casamento, o lar, a família. Parece reconhecer-se, e muito bem, o dever e a responsabilidade para com o verdadeiro dia de descanso – o Sábado – mas com maior dificuldade, infelizmente, se reconhecem os solenes deveres e as solenes responsabilidades na família.

Por exemplo, o relacionamento entre sogras e noras tem sido, em todas

as épocas, um tema complexo. Inspiração de muitos filmes, anedotas, comentários preconceituosos e, em muitos casos, de algo mais grave: motivo de ressentimentos e divórcios. O exemplo bíblico que encontramos de uma mulher chamada Noemi e das suas duas noras, Rute e Orfa, surpreende-nos com informações preciosas próprias para fomentar relacionamentos abençoados e sustidos por Deus.

“O Senhor use convosco de benevolência, como vós usastes com os que morreram e comigo”, disse Noemi às suas noras. Duas jovens mulheres que, não sendo Israelitas, foram, segundo as palavras da sogra, um bom exemplo. Um bom exemplo enquanto esposas e não menos

SOGRA... UM BEM NECESSÁRIO



enquanto noras. De acordo com o dicionário de Língua Portuguesa *online*,² ser benévolo significa: “*Desejar o bem dos outros*”, ser “*bem-disposto*”, “*benigno*” e “*bem-intencionado*”. Que sogra não estimaria a sua nora que, pelo poder do Senhor, mostrasse para com ela o desejo de lhe fazer bem? Que sogra recusaria um sorriso sincero, uma atitude bem-disposta e benigna da parte da sua nora? Como Deus seria louvado, se, no poder do Espírito, todas as noras crentes tivessem pensamentos, palavras e atitudes bem-intencionados para com as suas sogras! Pessoalmente, tive o privilégio e a bênção de ter a minha sogra durante alguns anos. Não foram muitos, infelizmente! E apesar das nossas limitações, porque nenhuma de nós era perfeita, eu sempre dizia que lhe queria muito bem, que lhe estaria sempre muito grata e que sempre dela cuidaria, pois, se não fosse ela, eu não teria o meu marido. Se não encontrássemos outras virtudes, que certamente existem, creio que esta era mais do que suficiente para termos mais apreço pelas sogras.

Mas, se admiramos a postura de Rute e Orfa, não apreciamos menos o procedimento desta sogra: “*Ide, voltai cada uma à casa da sua mãe.*” Só o verdadeiro amor, que vem de Deus, é isento de ciúme.³ Noemi compreendeu que, por mais que as pudesse amar e querer-lhes bem, o amor de uma mãe é insubstituível. Não há competição. Não tem como haver! Cada vida, cada membro da família, é demasiado valioso e demasiado necessário para ser substituído ou dispensado.

“*O Senhor vos dê que sejais felizes, cada uma em casa do seu marido.*” Palavras

maravilhosas. Uma atitude altruísta, desprendida de qualquer egoísmo ao ponto de se esquecer de si mesma e preocupar-se mais com a felicidade das suas noras. Numa época e numa cultura em que uma mulher viúva e sem filhos estaria “destinada” a um futuro sem nenhuma esperança, é humanamente inexplicável a postura desta mulher. Como as devia amar Noemi... sim, porque só o amor – aquele que vem de Deus – consegue dar sem esperar nada em troca!

“*E beijou-as.*” Afetos. Doces afetos que são tão raros nesta relação familiar. Em vez disso, há nela palavras amargas, atitudes rudes, desprezo, abandono, crítica e tantos outros comportamentos que fragilizam e destroem um dos relacionamentos mais abençoados que poderíamos ter. Noras e sogras que se digladiam esquecendo-se de que a vida lhes trará da parte de Deus exatamente os mesmos ministérios: o de serem filhas, esposas, mães e avós. Cruzamos as nossas vidas, não para rivalidades, antes, para parcerias. Sim, Deus tem reservado uma bênção especial para estes elementos da família, quando d’Ele recebem a compreensão, a paciência, o perdão e a gratidão.

Que o poder de Deus preencha o coração de todas as noras e sogras com verdadeiro amor umas pelas outras. E, se um dia a vida nos separar, que igualmente “*choremos em alta voz*”, pois Deus e a vida nos ensinarão que SOGRA... É UM BEM NECESSÁRIO.

1
Rute 1:8 e 9.

2
<https://dicionario.priberam.org/ben%C3%A9volo>

3
I Coríntios 13:4.



Igreja Adventista no México distribui alimentos a 13 500 dos seus membros

5 MAI 2020 ANN/RA

Cerca de 13 500 Adventistas do Sétimo Dia pertencentes à Igreja na sua região Mexicana Inter-Oceânica receberam alimentos e outros bens essenciais para a sua família, enquanto o país continua sujeito a medidas de quarentena. As famílias escolhidas para receberem o auxílio encontram-se entre as mais necessitadas de auxílio na região, que conta com 203 400 membros batizados.

“Muitos dos nossos membros, que têm os seus pequenos negócios, não dispõem da possibilidade de trabalhar, pelo que quisemos garantir que a Igreja fazia alguma coisa por eles”, disse o Pastor Moisés Reyna, Presidente da Igreja na União Mexicana Inter-Oceânica. De facto, muitos dos nossos irmãos mais necessitados dependem dos rendimentos diários que recebem por vender bens no mercado ou nas ruas. “A Igreja é como uma família e este era o momento para nos unirmos, de modo a apoiarmos os mais necessitados. É graças à fidelidade dos nossos membros que a União e as suas 11 Associações e Missões sempre tiveram os recursos necessários para fazer funcionar as suas igrejas.”

Os cabazes entregues entre os dias 10 e 15 de abril incluíam bens não pe-

recíveis, como arroz, feijão, farinha de tortilha, massas, leite, óleo, sabão, papel higiénico e outros bens semelhantes. O Tesoureiro da União Mexicana Inter-Oceânica, António Rosas, declarou que cada um dos 247 Distritos Pastorais entregou cabazes a 30 das suas famílias mais necessitadas. “A União, as Associações e as Missões disponibilizaram os fundos e os Pastores e os membros locais voluntariaram-se para realizar a distribuição”, disse Rosas.

Miguel García, que pastoreia o Distrito Eclesiástico de Diaz Mirón, na Veracruz do Sul, ajudou a entregar os cabazes a 30 famílias da localidade. “Pude ver lágrimas nos seus olhos, porque estes irmãos e estas irmãs sentiram-se amados pela sua igreja”, disse García. “Percebi que muitos estavam a lutar com dificuldades e ficaram muito gratos pelo cabaz. Muitos perguntavam como podiam entregar o seu pequeno montante de dízimo e de ofertas para a igreja.”

Fabiola Morales foi um dos membros da cidade de Puebla que recebeu um cabaz em abril. Ela ficou atónita quando um ancião da igreja acompanhado pela sua esposa a veio visitar. Ela frequenta a igreja Adventista de Las Cuartillas com os seus dois filhos há já alguns anos. É mãe solteira e tem-se debatido com a doença. “Muito obrigada por me trazerem este auxílio. Obrigada a todos os membros que se empenharam em nos ajudar.”

Notícia original: <https://news.adventist.org/en/all-news/news/go/2020-05-05/adventist-church-in-mexico-distributes-food-to-13500-of-its-members/>



Plano de Reabertura Gradual das Igrejas depois da Fase 3

(texto parcial)

PREÂMBULO

A Igreja Adventista do Sétimo Dia rezoija-se com a autorização para a reabertura dos lugares de Culto a partir do dia 30 de maio, segundo comunicado das Autoridades Governamentais da República e no respeito das orientações emitidas pelas Autoridades de Saúde (DGS). Como recomenda a Palavra de Deus, oramos por estas Autoridades, no desafio que representa o ato governativo nestas áreas, e especialmente no contexto do combate à crise provocada pela pandemia da Covid-19 (I Tim. 2:1 e 2).

A Igreja deve ser um lugar de encontro entre os crentes e Deus (I Tim. 3:15). Vimos à Igreja para orar, louvar, adorar e servir, com um espírito e uma atitude de amor e alegria. O encontro com Deus na Sua Casa, a Igreja, é também o encontro da Sua Família, a comunidade de fé (Efésios 3:14 e 15). O estado normal da Igreja é, portanto, estar aberta para receber, louvar e servir. Pensando na segurança daqueles que recebe, a Igreja sacrificou-se neste seu estado normal, fechando as suas portas no dia 13 de março. Teve que se “reinventar” na forma de viver a comunhão fraterna e o espírito de missão.

Agora, é com alegria que reabre as suas portas. A reabertura da totalidade das suas igrejas será gradual e progressiva a partir do dia 30 de maio. No amor inato que a Igreja tem pelo próximo, ela continuará a sacrificar-se na sua espontaneidade e atitude

de de proximidade fraterna, sujeitando-se às normas de contenção social. O retorno às igrejas, mesmo com condicionamento, é motivo de alegria, pois a Família de Deus pode voltar a reunir-se, presencialmente, na Sua Casa (Salmo 122).

Respeitando as normas de higiene e segurança social, a Igreja continua a colaborar no esforço nacional e mundial de combate à progressão desta pandemia. Fã-lo com um grande sentido de responsabilidade e de exigência, expresso no seu Plano de Reabertura Gradual das Igrejas, que complementa o Plano de Continência perante a crise da Covid-19, mas também com muita confiança. Cremos que Deus está com a Igreja, e confiamos nas Suas promessas (Isaías 41:10).

CARACTERIZAÇÃO

Risco muito elevado, declarado pelas Autoridades competentes, OMS e DGS.

Propagação ativa na Comunidade. Crise considerada pela DGS como controlada. Autorização governamental de reabertura das igrejas segundo o Plano de Desconfinamento.

MECANISMOS

Data de reabertura acionada por decisão do Conselho Diretor da UPASD, de acordo com a autorização e a orientação da DGS. A Administração da UPASD avaliará as igrejas caso a caso, no que diz respeito aos requisitos mínimos para reabertura.



MEDIDAS

1. Intensificação das medidas das Fases 1 e 2. Alerta para a necessidade de se voltar à Fase 3. Monitorização semanal.

2. Condições de utilização dos espaços de Culto:

A. Ventilação:

– Deverá ser natural, com renovação de ar. Recomenda-se a não utilização de aparelhos de recirculação do ar (ventoinhas e afins). Os aparelhos de ar condicionado devem ser objeto de limpeza frequente dos filtros.

– A eventual reabertura das instalações que não possuem ventilação natural deverá ser analisada pela Administração da UPASD, estabelecendo-se que a taxa de ocupação deverá ser, nestes casos, inferior aos números indicados pela Direção Geral de Saúde.

B. Distanciamento social:

– Sinalização física dos lugares que não poderão ser ocupados.

– Supressão alternada de uma fila de bancos, vedando-se o acesso aos lugares não utilizáveis. Nas filas de bancos utilizáveis, por cada lugar ocupado, deixar dois lugares vazios para fazer um distanciamento de dois metros. Prever um espaço devidamente assinalado para visitantes ocasionais.

– Os membros da família que coabitam na mesma casa poderão sentar-se juntos sem o referido distanciamento.

– Manter uma distância de segurança de dois metros, nos espaços de circulação da igreja, tanto os interiores como os exteriores.

– Sempre que possível, deve sinalizar-se percursos que evitem o cruzamento de pessoas na entrada, na saída e na ida às casas-de-banho.

– Quando a lotação permitida for atingida, deve colocar-se uma fita na porta de entrada da igreja para indicar que o acesso está vedado.

C. Proteção individual:

– É obrigatório, e sem qualquer exceção, o uso permanente de máscara nas instalações das igrejas.

– Recomenda-se fortemente que todas as pessoas sejam avaliadas em termos de temperatura corporal na chegada às instalações. Pessoas com temperatura igual ou superior a 38°C serão aconselhadas a não entrarem no lugar de Culto e a contactar a Linha Saúde 24 (808 24 24 24) ou a ADC (Área Dedicada COVID-19) mais próxima da sua residência.

– Recomenda-se fortemente que as pessoas consideradas como pertencendo ao “Grupo de Risco” pela DGS, com patologias não controladas, se abstenham de frequentar a igreja durante este período. Deverá assegurar-se uma atenção pastoral especial para estas pessoas. Esta recomendação é temporal e deverá ser reavaliada por meio de outros pareceres, conforme a evolução da situação pandémica. No quadro atual, são considerados como pertencendo ao “Grupo de Risco” pessoas com:

- I. Idade superior a 65 anos
- II. Diabetes não controlada
- III. Doença cardiovascular não controlada
- IV. Doença oncológica em curso
- V. Doença respiratória (bronquite, asma, DPOC)
- VI. Doença autoimune ativa



VII. Medicação imunossupressora

– Todas as pessoas com sintomas respiratórios (constipação, gripe ou outra) devem igualmente abster-se de frequentar a igreja. Se estes sintomas ocorrerem durante o serviço religioso, estas pessoas deverão retirar-se voluntariamente do salão de Culto.

D. Higienização das igrejas:

Deverá ser efetuada antes da primeira reunião e depois de todas as reuniões de Culto. Recomenda-se fortemente a desinfeção de todas as superfícies, incluindo os espaços de circulação e as instalações sanitárias. Deverão ser consideradas ainda as medidas de segurança e a toxicidade dos produtos aplicados. A desinfeção poderá ser realizada por pessoal/serviços especializado/s. (Ver normativa da DGS.) Caso se proceda a uma desinfeção completa dos espaços interiores da igreja, esta poderá ser reutilizada no mesmo dia, respeitando um tempo mínimo de quatro horas, e assegurando uma boa ventilação.

Recomenda-se o uso exclusivo de microfones fixos, instalados em tripés.

E. Higienização pessoal:

– Desinfeção das mãos à entrada dos lugares de Culto e após cada ida às instalações sanitárias.

– Respeitar escrupulosamente as regras da etiqueta respiratória.

3. Requisitos mínimos para a reabertura de um lugar de Culto:

A autorização de reabertura de uma igreja local só poderá ser concedida depois da verificação do cumprimento dos requisitos que garantam as seguintes condições de utilização:

A. Ter o Plano de Contingência atualizado, para entregar a cada pessoa que entrar no local de Culto.

B. Ter organizado e coordenado o devido serviço de controlo e assistência aos participantes nos serviços religiosos.

C. Assegurar a devida ventilação dos espaços.

D. Ter dispensadores de álcool ou hidrogel alcoólico a 70 graus, pelo menos, no *hall* de entrada, nas casas-de-banho e na sala de apoio aos serviços de culto.

E. Ter afixado cartazes da lavagem de mãos nas casas-de-banho, da etiqueta respiratória e do distanciamento (DGS) à entrada da sala de Culto e de outras salas utilizadas.

F. Na medida do possível, ter pelo menos um termómetro de infravermelhos disponível, sendo recomendado ter dois.

G. Ter organizado a disposição (*layout*) dos lugares assinalados a serem utilizados de acordo com a limitação decidida.

H. Ter informado os membros de Igreja das condições de acesso ao lugar de Culto segundo o Plano de Contingência, nomeadamente, as regras de distanciamento, de etiqueta respiratória e de aceitação do acesso condicionado e limitado.

4. Informação prévia a dar aos membros de Igreja:

As condições de acesso aos espaços de Culto devem ser previamente anun-



ciadas aos membros de Igreja, nomeadamente:

- Uso obrigatório e permanente de máscara enquanto se permanece nas instalações da igreja.

- Desinfecção das mãos com álcool ou hidrogel alcoólico a 70 graus, ao chegar à igreja.

- Etiqueta respiratória e distanciamento social.

- Aceitar condicionar-se aos lugares marcados e limitados com acesso definido por método escolhido pela igreja (por exemplo, por ordem alfabética de apelidos).

- Recomenda-se a medição da temperatura corporal em casa. Caso seja igual ou superior a 38°C, ou apresente sintomas como tosse, dor de cabeça ou dificuldades respiratórias, não sair de casa e ligar para a Linha Saúde 24 (808 24 24 24).

- Recomenda-se fortemente a medição da temperatura por infravermelhos ao chegar à igreja, e, caso seja igual ou superior a 38°C, aceitar voluntariamente não entrar na sala de Culto.

- Retirar-se da sala de Culto, caso tenha uma crise de tosse ou de espirros.

- Respeitar a saída ordenada segundo a orientação do Diaconato, respeitando o distanciamento de dois metros e evitando aglomerações. Não permanecer a conversar nos espaços interiores e exteriores da igreja.

- Encorajar as pessoas pertencentes ao “Grupo de Risco” a permanecerem nas suas casas, assistindo aos serviços pelos canais das redes sociais da igreja local ou da *Novo Tempo Portugal*. Informar de que poderá ser organizado um serviço especial para este Grupo, uma vez por mês, num sábado fixo a anunciar, onde as condições o permitam.

- Evitar o intercâmbio de membros e frequentadores das nossas igrejas, com o objetivo de limitar e monitorizar possíveis contágios.

- Pedir compreensão e tolerância para o cumprimento das medidas atrás referidas.

- Estas medidas devem ser comunicadas por todos os meios disponíveis.

5. Serviços específicos:

A. Escola Sabatina

- De acordo com o Plano de Contingência da UPASD, a Escola Sabatina deverá realizar-se em Unidade Única.

- A igreja poderá optar pela manutenção da Escola Sabatina através de videoconferência para os membros ausentes, utilizando as ferramentas adequadas (*Zoom*, etc.).

B. Escola Sabatina Infantil

- Onde haja condições físicas, recomenda-se que as Classes Infantis tenham um programa completo, que inclua o período da Escola Sabatina e do Culto, para simplificação de procedimentos. Os grupos etários mais velhos poderão permanecer com os adultos.

- Seguir as recomendações da DGS para Berçários, Creches e Jardins de Infância.

C. Culto

- Os pregadores e oficiais de serviço deverão seguir, sem restrições, todas as normas de higienização e proteção individual.

D. Outros Departamentos de Igreja

- Outras reuniões de Departamentos da igreja ficarão suspensas no plano presencial, até indicações em contrário.



– Ficam temporariamente suspensos os Acampamentos, os Acantonamentos, as Cerimónias de Investidura e os Retiros, até que haja orientações favoráveis por parte das Autoridades de Saúde e de voto do CD da UPASD. As reuniões ao ar livre, de carácter local, poderão ser realizadas, desde que salvaguardando as regras de distanciamento social e de proteção individual, e em conformidade com as diretrizes da DGS. Deverá respeitar-se o número máximo de participantes, caso seja indicado.

E. Serviço de Diaconato

Receção

– Coordenação das entradas e saídas de acordo com os parâmetros de segurança estabelecidos: ventilação, distanciamento, proteção individual, higienização de espaços e utilizadores.

– Assegurar o cumprimento do limite estabelecido para a lotação permitida em cada espaço.

– Manter um registo de entradas no templo.

Recolha de Ofertas

– As ofertas deverão ser recolhidas preferencialmente através de um saco com vara ou poderá também ser utilizado um outro recipiente, desde que

nunca seja manuseado por outra pessoa além do diácono escalado para o efeito. Os princípios de higienização devem ser objeto de especial atenção durante o período de manuseamento do dinheiro.

Orientação de saída

– Os diáconos e as diaconisas orientarão a saída ordenada dos participantes nas reuniões, a começar pelas filas junto à porta de saída, fazendo respeitar o distanciamento de dois metros e evitando aglomeração.

7. Igrejas das Instituições

– As igrejas que utilizam os espaços de Instituições para idosos (ex.: LAPI) só poderão regressar novamente, depois do levantamento da limitação de visitas e das medidas de desconfinamento emitidas pela DGS e ISS, e em articulação com a Direção da ASA. A igreja poderá reunir-se num outro lugar, desde que se respeitem as normas do Plano de Contingência.

– No caso de outras Instituições (CAOD), o regresso poderá acontecer em função das diversas medidas de desconfinamento.

A UPASD continuará a acompanhar o evoluir da situação, pelo que poderá propor novas medidas que possam vir a ser necessárias.



RA
REVISTA
ADVENTISTA

OFEREÇA UMA ASSINATURA! Como assinar? **219 626 200** ou **assinaturas@pservir.pt**
 SIM, desejo oferecer uma assinatura da *Revista Adventista*: **1 ANO** [12 EDIÇÕES] = **19,00€** [IVA E PORTES INCLUIDOS]
 Desejo receber a visita de um agente comercial

NOME

E-MAIL

LOCALIDADE

NIF

PAGO POR TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA AO SANTANDER.
NIB 0018-0000-5087-6696-0010-7

CHEQUE Nº

JUNTO ENVIO CHEQUE NO VALOR DA ASSINATURA,
À ORDEM DE PUBLICADORA SERVIR, S.A.

BANCO

AUTORIZO O TRATAMENTO INFORMÁTICO DOS MEUS DADOS PARA
EFEITOS COMERCIAIS DA PSERVIR COM BASE NA LEI EM VIGOR.

ANEXAR ESTE CUPÃO AO COMPROVATIVO DE PAGAMENTO (A ASSINATURA SERÁ VÁLIDA APÓS COBRANÇA DA MESMA.) E ENVIAR PARA:
PUBLICADORA SERVIR, S. A. – CONTROLO DE ASSINANTES – RUA DA SERRA, Nº 1 – SABUGO – 2715-398 ALMARGEM DO BISPO.



Serviço CRISTÃO

*"Portanto, ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-os a guardar tudo o que vos tenho dito."
Mateus 28:19 e 20.*

LIGUE 21 962 62 00 | CLIENTES@PSERVIR.PT | LIVRARIA DA SUA IGREJA | COMPRE ONLINE WWW.PSERVIR.PT

ORAÇÃO

Descubra o verdadeiro poder da oração!

*"Orar é abrir o coração a Deus como a um amigo. Não que isso seja necessário para que Deus possa conhecer aquilo que somos, mas para que sejamos capacitados para O receber. A oração não faz Deus descer até nós, mas eleva-nos até Ele."
- Ellen G. White*

PRIMEIRA EDIÇÃO DE SEMPRE EM PORTUGUÊS.



7€



Acompanhe esta e outras novidades através das redes sociais  facebook.com/PServir  instagram.com/PServir

RA
REVISTA
ADVENTISTA

GOSTOU DA LEITURA DA RA? DÊ O SEU TESTEMUNHO, OFERECENDO UMA ASSINATURA. BENEFICIE ALGUÉM COM ESTA OFERTA ENRIQUECEDORA E RECOMPENSADORA!

Como assinar? 219 626 200 ou assinaturas@pservir.pt

NOME

MORADA

CÓDIGO-POSTAL

LOCALIDADE

E-MAIL

CONTACTO

PREENCHA OS DADOS DO OFERTANTE NO VERSO DO CUPÃO.

DADOS DO ASSINANTE